

Universidade do Minho  
Escola de Economia e Gestão

Andreia Sofia Barreiro Fernandes

**Microcrédito e Microempresas:** uma análise para os países  
de baixos e médios rendimentos.

Dissertação de Mestrado  
Mestrado em Economia Monetária, Bancária e Financeira

Trabalho efetuado sob a orientação da:  
**Professora Doutora Maria João Cabral de Almeida Ribeiro Thompson**  
**Professora Doutora Maria de Lurdes de Castro Martins**

Novembro 2020

**Microempresas e Microcrédito:** uma análise para os países de baixo e médios rendimentos.

## DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

### *Licença concedida aos utilizadores deste trabalho*



Atribuição  
CC BY

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

## **Agradecimentos**

Agradecer a todos os que fizeram parte deste momento da minha vida e que, de uma forma ou outra, contribuíram para que o resultado tenha sido positivo, não é de todo fácil.

Primeiramente agradeço à minha orientadora Prof. Dr<sup>a</sup> Maria João Thompson e à minha coorientadora, Prof. Dr<sup>a</sup> Maria de Lurdes Martins. Agradeço a sua disponibilidade e colaboração ao longo da realização da dissertação.

Agradeço também aos meus pais, por me apoiarem em todos os momentos. Esta caminhada fez-se não só de bons momentos, mas também de momentos difíceis. Obrigada por serem o meu pilar, por tornarem tudo isto possível.

Agradeço às minhas amigas por terem entrado na minha vida. Primeiramente agradeço à minha amiga de longa duração, de seu nome, Tânia. Não poderia deixar de agradecer também à minha amiga, de seu nome, Teresa. E também agradeço a duas pessoas muito especiais, que a faculdade me permitiu conhecer, Ana e Catarina. Mesmo longe, sempre me deram uma palavra de conforto.

Ainda, quero agradecer ao Prof. Manuel e à Prof. Rosa pelo apoio que me deram na realização da tese.

Por fim, agradeço ao Prof. Pedro Dias por toda a ajuda e apoio que me deu neste trabalho.

Obrigada a todos que, de uma forma ou outra, contribuíram para que tenha sido possível.

### DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

## Resumo

Estando a pobreza mencionada como um problema à escala mundial, o microcrédito mostra-se como um instrumento económico que tem como visão o combate da pobreza e da melhoria da qualidade de vida dos indivíduos, a partir da concessão de crédito bancário a empresas de pequena dimensão, em que grande parte dessas empresas pertencem a famílias que à partida são excluídas do crédito tradicional. Isto acontece, principalmente, nos países pouco desenvolvidos.

Com isto, o presente estudo tem como objetivo estudar o microcrédito e as microempresas nos países com baixos e médios rendimentos. A partir da recolha de indicadores relativos ao microcrédito e às microempresas, foi possível avaliar a contribuição desses indicadores sobre a importância do microcrédito no total de crédito e sobre a importância das microempresas no total de empresas, durante o período de 2010, em setenta e seis países pertencentes aos países com baixos e médios rendimentos, apelando aos dados disponibilizados pelo The Global Economy, IMF, MSME e World Bank.

Ao longo do estudo é apresentada a literatura relacionada com o microcrédito, as microempresas e as características económicas de um país. Este estudo foi concretizado, com base em dois modelos econométricos um desenhado para o estudo das microempresas e o outro para o estudo do microcrédito. Como variáveis dependentes foram selecionadas o peso do microcrédito e o peso das microempresas, existentes num país. A consideração destes dois modelos, permitiu analisar os fatores determinantes do microcrédito e as suas características económicas, que fazem com que o peso do microcrédito e o peso das microempresas seja elevado na economia de certos países com baixos e médios rendimentos.

**Palavras-chaves:** Microcrédito, Microempresa, Pobreza, Países com baixos e médios rendimentos

## **Abstract**

Since poverty is considered a major worldwide problem, microcredit is an economic instrument that aims to combat poverty and improve the quality of life of individuals, through the granting of bank credit to small companies, in which a large part of these companies belong from families that are usually excluded from traditional credit. This happens mainly in the less developed countries.

Thus, the present study aims to find out what weight of microcredit and the weight of micro-companies in countries with low and middle incomes. From the collection of indicators related to microcredit and micro enterprises, it was possible to evaluate the contribution of these concepts to the importance of microcredit in total credit and the importance of micro-companies in total companies, during 2010, in seventy-six countries belonging to low and middle income countries, using the data provided by the Global Economy, IMF, and World Bank MSME.

Throughout the study, literature related to microcredit, microenterprises and economic characteristics of a country is presented. This study was carried out based on two econometric models in order to overcome possible problems related to the dependent variable and the independent variables. The dependent variables were the weight of microcredit and the weight of micro-enterprises in a country. Considering the model with two different dependent variables, it was observed the factors of microcredit and economic characteristics, wich make the weight of microcredit and micro-companies to be high in the economy of certain countries with low and medium income.

**Key Words:** Microcredit, Microenterprise, Poverty, Low and middle income countries

## Índice

<b>1.</b>	<b>Introdução .....</b>	<b>1</b>
<b>2.</b>	<b>Revisão de Literatura .....</b>	<b>3</b>
2.1	<b>Microcrédito .....</b>	<b>3</b>
2.1.1.	O princípio do Microcrédito.....	3
2.1.2.	Em que consiste o microcrédito.....	4
2.1.3.	O modo como é adquirido o microcrédito.....	5
2.1.5.	O Triângulo do Microcrédito: sustentabilidade financeira, extensão e impacto.....	8
<b>3.</b>	<b>Microcrédito e Microempresas nos países com baixos e médios rendimentos 9</b>	
3.1	O Microcrédito nos países de baixos e médios rendimentos.....	9
3.2	Microempresas nos países de baixos e médios rendimentos.....	14
3.3	Particularidades do Microcrédito e Microempresas nos países de baixos e médios rendimentos .....	17
<b>4.</b>	<b>Estudo Empírico .....</b>	<b>31</b>
4.1	<b>Metodologia .....</b>	<b>31</b>
4.1.1.	Questão e Hipótese de Estudo.....	31
4.1.2.	Dados .....	31
4.1.3.	Modelo Econométrico .....	35
4.1.4.	Definição das variáveis.....	37
4.1.5.	Estatísticas Descritivas.....	40
4.1.6.	Verificação de adequação do uso dos MQO .....	42
4.1.7.	Resultados .....	43
4.2	<b>Discussão dos Resultados .....</b>	<b>46</b>
4.2.1	Análise do modelo econométrico com a utilização da variável dependente Porcentagem de Microcrédito. ....	46
4.2.2.	Análise do modelo econométrico com a utilização da variável dependente Porcentagem de Microempresas .....	47
<b>5.</b>	<b>Conclusão .....</b>	<b>49</b>
<b>6.</b>	<b>Limitações e sugestões para investigações futuras .....</b>	<b>51</b>
<b>7.</b>	<b>Bibliografia .....</b>	<b>52</b>
<b>8.</b>	<b>Anexos .....</b>	<b>56</b>

## Índice de Tabelas

Tabela 1 - Empréstimos de todas as Instituições de Microcrédito (% do PIB) entre 2015 e 2018 .....	21
Tabela 2 - Número de Microempresas em 2017 .....	22
Tabela 3 - Número de Microempresas nos países de baixos e médios rendimentos (em milhões) .....	23
Tabela 4 - Índice de Inovação entre 2012 e 2018 (escala de 0-100) .....	30
Tabela 5 - Países com baixos rendimentos , médios-baixos rendimentos, médios-altos rendimentos, representados neste estudo .....	33
Tabela 6 - Fonte de dados das variáveis em estudo.....	34
Tabela 7 - Estatísticas Descritivas .....	41
Tabela 8 - Matriz de correlações das variáveis.....	42
Tabela 9 – Resultados da estimação do Modelo I (MQO).....	44
Tabela 10 – Resultados da estimação do Modelo II (MQO).....	45



## **Índice de Figuras**

Figura 1: Triângulo do Microcrédito .....	8
Figura 2 - Número de IMFs por região, 2012 .....	11
Figura 3- Empresas por Número de Empregados .....	14
Figura 4 - Percentagem de pobreza extrema na população mundial (rendimentos inferiores a US \$ 1,90/dia) entre 2013 e 2015 .....	19
Figura 5 – Índice de pobreza de US \$ 1,90 por dia (Percentagem da população) entre 2011 e 2015.....	20
Figura 6 - Número de Microempresas em 2017 por regiões (milhões).....	23
Figura 7- Evolução do PIB per-capita entre 2010 e 2018 (em dólares) .....	25
Figura 8 - Evolução do Investimento ente 2011 e 2016 (% do PIB) .....	26
Figura 9 - Evolução da Inflação entre 2010 e 2018 (% preço do consumidor) .....	28

## **Lista de abreviaturas e siglas**

**ACSI** – Amhara Credit and Savings Institute

**AMIK** – Association of Microfinance Institutions of Kosovo

**ANDC** – Associação Nacional de Direito ao Crédito

**BRAC** – Bangladesh Rural Advancement Committee

**FIV** – Factor de Inflação de Variância

**IASB** – International Accounting Standards Board

**IEFP** – Instituto de Emprego e Formação Profissional

**IMF** – Instituições Financeiras de Microcrédito

**MSL** – ASBL de Suporte MicroStart

**NCRF** – Normas Contabilísticas de Relato Financeiro

**OCSSC** – Oromiya Credit and Savings Share Company

**ONU** – Organização das Nações Unidas

**PIB** – Produto Interno Bruto

**PME** – Pequenas e Médias Empresas

**PNUD** – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

**UNCTAD** – Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento

**USAID** – Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional

**Microempresas e Microcrédito:** uma análise para os países de baixo e médios rendimentos.

# 1. Introdução

O surgimento do microcrédito está relacionado com a procura de soluções para a pobreza. Pois ao longo das últimas décadas, este tema de como arranjar soluções para a pobreza tem sido muito debatido (Gallo, E., 2012). Contudo, é através das políticas governamentais, da ajuda de ações de caridade e ainda das atuações das organizações não governamentais, que este tema tem sido têm sido realizadas campanhas para a sensibilização e redução deste tema.

Microcrédito foi criado por Muhammad Yunus em 1976, no Bangladesh, e o êxito alcançado por este tipo de empréstimo ofereceu a Yunus um grande renome a nível mundial.

A determinação por descobrir soluções alternativas e de auxiliar os indivíduos que se apresentam numa situação de pobreza, fez com que Muhammad Yunus idealizasse e implementasse projetos de microcrédito. Com isto, há condições de se dizer que o microcrédito rompeu da procura por soluções alternativas para a redução da pobreza, da exclusão e desigualdade social. Yunus, Khandker entre outros autores, descobriram uma interligação positiva entre o uso do microcrédito e a diminuição do nível de pobreza em países como o Bangladesh (Lima, 2009).

O Desenvolvimento Económico promove mudanças estruturais, culturais e institucionais. Schumpeter (1911) declarou que o Desenvolvimento Económico origina transformações estruturais do sistema económico que o simples aumento do rendimento per capita não assegura. Este usou essa diferenciação para salientar a inexistência de lucro económico no fluxo circular onde no máximo ocorreria crescimento, e para mostrar a relevância da inovação (Bresser-Pereira, 2008).

O propósito primordial do presente trabalho é abordar o microcrédito e as microempresas em países de baixos e médios rendimentos, mais concretamente estudar o peso do microcrédito sobre o total do crédito e o peso das microempresas no total das empresas presentes nestes países.

O objetivo essencial deste estudo é expor a importância do microcrédito e das microempresas a partir de características presentes nos países com baixos e médios rendimentos.

A estrutura desta dissertação, está organizada em várias partes, tais como, a revisão de literatura sobre o microcrédito, as microempresas e o microcrédito nos países de baixos e médios rendimentos, a metodologia, a discussão dos resultados, a conclusão e as limitações. Na revisão

**Microempresas e Microcrédito:** uma análise para os países de baixo e médios rendimentos.

de literatura vou analisar teoricamente os assuntos atrás expostos. A metodologia a ser utilizada será o método empírico, pois é o mais adequado para o tema em estudo.

No final deste estudo, serão apresentados os resumos das conclusões, as indicações para possíveis investigações futuras, bem como limitações que foram encontradas durante o estudo.

## 2. Revisão de Literatura

O capítulo que se segue tem como intenção introduzir o tema que aqui será estudado sobre o microcrédito e as microempresas.

Sendo assim, numa primeira fase será apresentada a revisão de literatura sobre o microcrédito e as microempresas. Aqui, vamos analisar a origem do microcrédito, as razões para a sua existência, a sua evolução e o modo como é adquirido. E observaremos como é justificado o peso das microempresas e do microcrédito nos países de baixos e médios rendimento.

### 2.1 Microcrédito

#### 2.1.1. O princípio do Microcrédito

A primeira notícia da importância do microcrédito sucedeu-se no sul da Alemanha em 1846. Nesse período houve um inverno muito rigoroso, o que levou a que os agricultores ficassem endividados e na dependência dos empréstimos vindos de intermediários. Com isto, o pastor Raiffeisen decidiu criar a “Associação do Pão”, cedendo-lhes farinha de trigo para fabricarem e comercializarem pão, para assim com o lucro da comercialização do pão pagarem as suas dívidas (Anónimo, 2018).

Contudo foi, em 1976 no Bangladesh, que Muhamad Yunus, através da sua experiência, que surgiu a base do microcrédito. Muhamad Yunus começou a perceber que os pequenos empreendedores eram prisioneiros dos intermediários e que mesmo não tendo dívidas para com os intermediários, estes pagavam juros muito elevados, o que reduzia significativamente os seus lucros. Experimentalmente, começou a fazer empréstimos do seu próprio dinheiro sem exigir reembolso, ou seja, Yunus só exigia o pagamento do reembolso quando as pessoas tivessem condições suficientes para poder pagar. Com esta atitude este grupo de devedores conseguiu, por fim, pagar o valor total do reembolso mostrando a Muhamad Yunus que a sua experiência resultou plenamente (YUNUS, 2001).

Esta ação do professor Muhamad Yunus foi crescendo ao longo dos anos e, com isto, o professor começou a contactar os bancos próximos à universidade para ver se estes poderiam realizar empréstimos aos pobres. Contudo, nenhum desses bancos quis efetuar empréstimos. Decidiu então, criar um banco para as pessoas mais necessitadas com o objetivo de pôr fim à

**Microempresas e Microcrédito:** uma análise para os países de baixo e médios rendimentos.

pobreza. Assim surgiu, em 1976, o Banco Grameen, ajudando os pequenos empreendedores a aumentarem a suas oportunidades de negócio.

### 2.1.2. Em que consiste o microcrédito

Desde há muitos anos atrás, que estudiosos tentam arranjar formas para poderem reduzir as diferenças económicas entre os países ricos e os países pobres e entre os seus povos, com intenção de reduzi-los, e até mesmo, de eliminarem a pobreza existente no mundo.

Presentemente, milhões de pessoas não têm acesso aos serviços básicos, como por exemplo, não têm acesso a água potável ou a um sistema educativo básico. Ainda nos dias de hoje, existe milhares de pessoas que vivem por dia com menos de 1€. Isto, mostra que apesar da pobreza ter vindo durante anos a ser trabalhada, com a intenção de ser reduzida, pelas entidades de apoio à pobreza, ainda é um tema fundamental que tem de ser estudado. Os analistas políticos junto com os economistas geraram um método bem-sucedido para reduzir a pobreza, visto que estes, há muito que procuram entender o que origina a pobreza (Mitra, 2007).

A escassez de desenvolvimento económico, provocada muitas vezes pela violação dos direitos de propriedade, corrupção e a falta de instituições adequadas, leva a um agravar da pobreza em todo o mundo (Mitra, 2007). Assim, o microcrédito foi estabelecido com o intuito de criar uma alternativa diferente de crédito, para as pessoas que não têm acesso ao sistema bancário tradicional, tornando-se num instrumento para a redução da pobreza.

Logo, o microcrédito pode ser definido como uma forma de financiamento que pretende possibilitar o acesso ao crédito, sem garantias reais, aos pequenos empreendedores que ambicionam criar, ampliar ou melhorar o seu negócio. Aqui o agente de crédito analisa a situação socioeconómica do pequeno empreendedor, a fim de poder avaliar a intenção e a potencialidade que esse empreendedor terá para poder reembolsar o crédito. Embora este procedimento seja igual a outros tipos de crédito, uma das diferenças é a dos juros mais reduzidos.

O Microcrédito tem esta denominação devido à sua composição, pois este consiste num empréstimo excessivamente pequeno concebido apenas para mutuários com baixos rendimentos. Este género de crédito, cobre um conjunto de créditos concedidos sem garantias e de ordem comercial, com juros apropriados e adequados para um cliente com um nível socioeconómico baixo (Pereira, 2016).

## **Microempresas e Microcrédito: uma análise para os países de baixo e médios rendimentos.**

De acordo com Gutiérrez-Nieto (2008), citado por Silva (2014), não se utiliza o microcrédito para gerar grandes empresas ou conceber emprego globalmente, mas sim para criar pequenas empresas ou cargos de trabalho para indivíduos que não têm possibilidade de recorrer ao financiamento a partir de um banco, visto os seus rendimentos serem muito baixos.

Na visão de Mendoza e Thelen (2008), o microcrédito torna os mercados mais inclusivos em relação aos desfavorecidos, eliminando barreiras que impedem os mais desfavorecidos de participarem nos mercados.

A quantidade mínima do valor do empréstimo no microcrédito pode ser muito baixa. Yunus (2003) diz que esta quantia de empréstimo é conciliável com as carências das pessoas formarem algum tipo de negócio e a sua capacidade de reembolso.

No microcrédito as taxas de juros não se diferenciam muito das do mercado, e em várias circunstâncias não são precisas garantias reais tais como o património.

Os períodos de pagamento, destes empréstimos, são maioritariamente curtos e perpetuamente interligados ao desígnio do financiamento e ainda, ao fluxo de caixa da atividade empresarial.

Este tipo de crédito é caracterizado pela simplicidade e adaptabilidade na análise, pela aprovação e ainda pela libertação dos recursos.

Sendo assim, pode-se afirmar que o microcrédito é uma boa ferramenta para aumentar o combate à pobreza, visto que, este é o auxílio financeiro para novos produtores e produtores necessitados, que os vai ajudar no setor da produção e também em termos económicos. Com isto, este crédito acaba por ter um lugar bastante importante na economia de um país, conduzindo a um aumento da produção e a aglomeração de capital.

Nos dias de hoje o microcrédito é composto por vários géneros, dividindo-se essencialmente em dois tipos primordiais, o tipo original, mais conhecido por ser a criação de Muhammad Yunus, que tem como objetivo a redução da pobreza, e o tipo comercial, que é um instrumento de financiamento para microempresas e pequenos empresários.

As microempresas e os pequenos empresários vêm no microcrédito um instrumento financeiro de apoio às suas iniciativas empresariais, potenciando a sua inclusão social.

### **2.1.3. O modo como é adquirido o microcrédito**

A forma como este é adquirido depende um pouco de país para país. Em todo o mundo há já um número significativo de associações de apoio ao crédito, como por exemplo a FondiBesa,



## **Microempresas e Microcrédito:** uma análise para os países de baixo e médios rendimentos.

a MicroStart, a Lok Micro, a BACCOM, The Hungarian Microfinance Network, a AMIK, a Open CBS, o Montecredit, Mikro Kapital IFN, Banco da Família, Fundación Covelo, Finlabor, Grooming Centre e a Sefini. Estas pertencem à Albânia, Bélgica, Bósnia, Bulgária, Hungria, Kosovo, Quirguistão, Montenegro, Roménia, Brasil, Honduras, México, e Sérvia respetivamente. Destes países o Quirguistão, as Honduras, o Brasil e o México são os que pertencem ao grupo de países com baixos e médios rendimentos.

Em Portugal, podemos encontrar a ANDC e a Cresacor que são duas associações que vão dar auxílio ao acesso ao crédito às pessoas que não conseguem obter ingressar o crédito bancário.

A Associação Nacional de Direito ao Crédito (ANDC) é uma associação privada sem fins lucrativos ao serviço da inclusão económica e social, fundada em 1998 por uma centena de pessoas interessadas em promover em Portugal o desenvolvimento da experiência do Banco Grameen, criado por Muhamad Yunus no Bangladesh.

Esta associação auxilia quem não tem acesso ao crédito bancário, nas condições normais de mercado e precisa de um empréstimo para criar o seu próprio negócio. Ou seja, este tipo de crédito está orientado para as pessoas que não têm acesso ao crédito bancário normal (por falta de garantias) e que ambicionam realizar um pequeno investimento, com o intuito de gerar um negócio que lhes possibilite a criação do seu próprio emprego.

Está direcionado também, para quem não tem problemas fiscais, como por exemplo: dividas, para as que se encontram desempregadas ou em risco de perder o emprego, para os indivíduos que mostram que tem flexibilidade e cobertura suficiente para se adaptar às transformações.

Assim que, o valor do empréstimo que foi solicitado seja aceite não será requerida nenhuma garantia real, ou seja, não serão pedidos nenhuns bens patrimoniais como garantia. Contudo, assim que iniciar o processo de financiamento, este terá que ser instruído com a prestação de uma garantia pessoal, sendo dada por um fiador, que contestará por 20% do capital do crédito fornecido.

A ANDC só pode emprestar, nas condições atuais, no máximo um montante de 15 000 euros, a quem não tem acesso ao crédito bancário e queira criar um negócio ou assegurar esse negócio. Contudo se esta conceder um empréstimo com um valor superior a 12 500 euros, será repartido em duas partes. A primeira parte acontecerá no início do primeiro ano num valor de 12 500 euros, já a segunda parte será no começo do segundo ano, caso houver uma prova de que

## **Microempresas e Microcrédito:** uma análise para os países de baixo e médios rendimentos.

haja uma evolução do negócio favorável para acontecer esse segundo crédito. Isto tudo num período de reembolso no máximo de 84 meses, repartido por 24 meses de carência e mais 60 meses para o reembolso total.

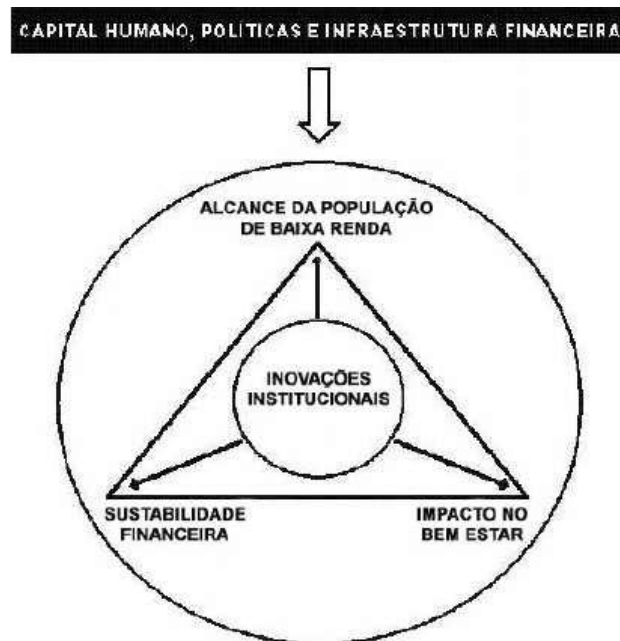
Um exemplo de uma associação de apoio ao crédito internacional, é a microStart que consiste num grupo fundado em 2010, na Bélgica, que financia e apoia empreendedores que são excluídos do sistema bancário regular. O grupo microStart compreende uma empresa cooperativa para fins sociais distribuindo o microcrédito e um MicroStart Support asbl que suporta gratuitamente os clientes da cooperativa. Esta associação foi inspirada pelo modelo inovador desenvolvido no Bangladesh, por Muhammad Yunus, que foi o criador do Banco Grameen (microStart, 2019).

A microStart oferece crédito de 500 a 15000 euros para o negócio do indivíduo. Esta apoia todos os empreendedores que precisam de financiamento. O seu apoio financeiro é possível sem custos extras, esta facilita o procedimento garantindo o recebimento do crédito dentro de 10 dias. E esta, ainda possibilita o pagamento dos empréstimos sem juros, tendo em conta que os custos de ficheiro são maiores para este tipo de crédito sem pagamento de juros (microStart, 2019).

**Microempresas e Microcrédito:** uma análise para os países de baixo e médios rendimentos.

### 2.1.5. O Triângulo do Microcrédito: sustentabilidade financeira, extensão e impacto

Figura 1: Triângulo do Microcrédito



Para uma abordagem mais ilustrativa do microcrédito e as suas características, deve-se ter em conta o triângulo do microcrédito, representado na figura 1.

Zeller e Meyer (2002) sustentam que o sucesso inicial dos programas de microfinanciamento por volta da década de 70, levou os pioneiros naquela altura a pensar que muitos dos problemas fundamentais dos mais carenciados poderiam ser solucionados pelo acesso ao crédito, juntamente com a capacidade de adquirir ativos, desenvolver novos negócios, financiar necessidades de emergência e ainda, para se protegerem contra doenças e/ou desastres que eventualmente possam aparecer.

O objetivo geral, dos programas de microcrédito, era o de clarificar as condições sob as quais, o investimento do Estado em programas de microfinanças, poderia melhorar a vida das pessoas pobres ainda mais do que o investimento do Estado em educação, saúde, nutrição ou desenvolvimento de infraestrutura.

Dentro do triângulo do microcrédito encontra-se o círculo que representa as inovações Instituições Financeiras de Microcrédito em tecnologia, políticas e administração que, de certo modo, podem influenciar diretamente os três principais objetivos a serem atingidos pelo microcrédito.

**Microempresas e Microcrédito:** uma análise para os países de baixo e médios rendimentos.

O círculo que se encontra no exterior do triângulo (Figura 1) retrata o ambiente no qual os programas de microcrédito estão inseridos, e que acabam por influenciar o seu desempenho. Este ambiente compreende, ainda, o capital humano e social dos mais carenciados, as políticas económicas do país e a qualidade da infraestrutura financeira que sustenta as transações financeiras (Zeller, Meyer L. R., 2002).

### **3. Microcrédito e Microempresas nos países com baixos e médios rendimentos**

Nos dias de hoje o microcrédito pode encontrar-se numa grande parte dos países ao redor do mundo, contudo os países com mais influência do microcrédito são os que apresentam os valores mais baixos de rendimentos per capita.

Neste capítulo, pretende-se explicar porque é que o microcrédito é importante em países de baixos rendimentos per capita, e que estes são também os que apresentam menor desenvolvimento económico.

#### **3.1 O Microcrédito nos países de baixos e médios rendimentos**

Há cerca de 20 anos, as IMFs e o microcrédito tiveram um triunfo sem precedentes com o alargamento dos serviços financeiros às populações mais carenciadas economicamente, ao redor do mundo. Segundo o Banco Mundial os países com rendimentos mais baixos encontram-se nas regiões da América Latina e Caribe, África, Médio Oriente e Sul da Ásia.

Instituições Internacionais como o Microcredit Information Exchange e o Microcredit Summit Campaign e o Grupo Consultivo de Assistência aos Pobres (CGAP) surgiram para aliviar a pobreza mundial através das microfinanças.

Os critérios de avaliação de desempenho no alívio à pobreza das instituições de microcrédito utilizados por estas entidades, compreendem, com algumas variações, indicadores de rendibilidade, eficiência, risco de incobrabilidade de créditos a receber e de alcance social, destacando-se o número de mutuários, o peso das mulheres nos financiamentos concedidos e os montantes de cada operação realizada (Rodrigues Pereira, S. M., 2016).

Em 1997, foi realizada a primeira Microcredit Summit, nela participaram mais de 2900 pessoas de 137 países ao redor do mundo. O objetivo da Summit era, em nove anos, alcançar

## **Microempresas e Microcrédito:** uma análise para os países de baixo e médios rendimentos.

100 milhões de famílias mais pobres do mundo, nomeadamente as mulheres dessas famílias, com crédito para trabalho autónomo e outros serviços financeiros.

Desde 1997, a Microcredit Summit Campaign lidera, apoia e orienta o campo das microfinanças para combater as falhas no alcance dos mais pobres inseridos nas regiões com rendimentos mais baixos.

O rápido crescimento da indústria de microfinanças nos últimos 40 anos (e mais ainda nos últimos 10 anos) ajudou a preencher o vazio financeiro para os pobres de todo o mundo e, finalmente, a reduzir a pobreza mundial.

Hoje em dia existem mais de 120 milhões de contas com IMFs em todo o mundo (Franco, 2011).

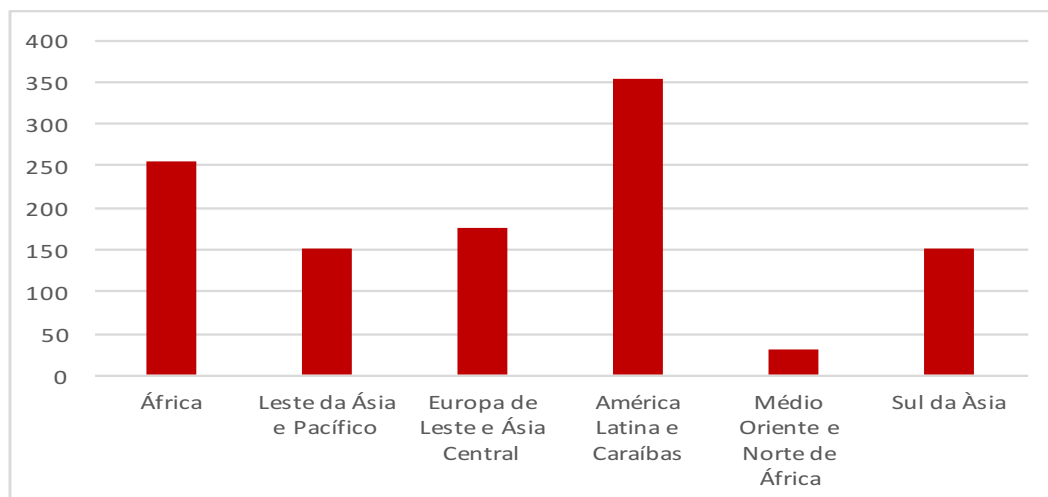
Em 1982, o Banco Grameen estava a servir cerca de 28.000 membros. Desde esse ano, esse número cresceu astronomicamente abrangendo 3,12 milhões de membros em 2003 e 8 milhões em 2009 (Grameen Bank, 2011). Em outubro de 2011, o Banco Grameen já ajudava 8,349 milhões de mutuários, onde cerca de 97% eram mulheres. Com 2.565 agências, o Banco Grameen forneceu serviços em 81.379 aldeias, nesse ano, cobrindo mais de 97% do total de aldeias em Bangladesh, umas das regiões com mais baixos rendimentos (Word Press, 2019).

Kofi Annan, secretário-geral da ONU entre 1997 e 2007, manifestou a importância do microfinanciamento para o mundo em desenvolvimento dizendo que, o maior desafio diante das pessoas é enfrentar as restrições que excluem os indivíduos da participação plena no setor financeiro (Barr, M. S., Kumar, A., Litan, R. E., 2007, como referido em Pereira da Silva, C. I., 2014).

Relativamente ao microcrédito nos países de baixos e médios rendimentos e, como é complicado encontrar literatura sobre o microcrédito que se dirija diretamente aos países com baixos e médios rendimentos, a análise será feita para as regiões onde se encontram esses países, como por exemplo, África, Médio Oriente, Sul da Ásia e América Latina e Caraíbas.

Em 2012, a partir dos países que deram informação à cerca das IMFs, concluiu-se que existiam já nesse ano 1150 IMFs, tendo em conta que a região que apresentava maior número de instituições foi a região da América Latina e Caraíbas com mais de 350 IMFs. Pelo contrário, a região do Médio Oriente e Norte de África apresentou um número muito reduzido de IMFs, cerca de 2,87% do total de IMFs (Pinto, 2014).

**Figura 2 - Número de IMFs por região, 2012**



Fonte: MIX Market

Sendo assim, é interessante analisar uma IMF por cada região onde se pode encontrar os países com mais baixos e médios rendimentos, devido ao grande número de IMFs no total das regiões. Começando pela região da América Latina e do Caribe, uma IMF, sem fins lucrativos, que está relacionada com o crescimento do setor das microfinanças nesta região é a ACCIÓN Internacional (não é sigla, o nome é assim). A ACCIÓN Internacional, como tantas outras IMFs, foi fundada em 1961 para apoiar as pessoas mais desfavorecidas, revolucionando os serviços financeiros pessoas que são deixados de fora.

Segundo Lima (2009), administradora da revista banco nacional do desenvolvimento (BNDES), a ACCIÓN Internacional, em 1973, começou a alargar o microcrédito a empreendedores mais carenciados do Recife, no Brasil, ao perceber o elevado número de empreendedores informais.

O principal contributo desta instituição para o segmento do microcrédito na América Latina foi a criação dos agentes de crédito, jovens profissionais que desenvolviam relações pessoais com os tomadores de crédito e eram responsáveis por todo o ciclo do empréstimo Lima (2009).

No exercício dos resultados positivos alcançados nos primeiros quatro anos, esta instituição passou a apoiar a implementação de programas de microcrédito em toda a América Latina, mantendo afiliadas em 14 países Lima (2009).

A anos após 1980, a ACCIÓN Internacional, ao compreender a necessidade de um volume maior de recursos para tornar o impacto do microcrédito mais considerável, passou a estimular a

## **Microempresas e Microcrédito:** uma análise para os países de baixo e médios rendimentos.

inserção das suas afiliadas nos sistemas financeiros dos países onde operam. Essas afiliadas, ao serem regularizadas pelas autoridades monetárias, poderiam alcançar depósitos dos tomadores de crédito e passariam a atrair investimentos privados, o que aumentaria o número de clientes (Lima, 2009).

Em 2001, 29% dos recursos emprestados a microempreendedores na América Latina eram provenientes de bancos comerciais e 45% eram provenientes de Organizações Não Governamentais que se transformaram em instituições financeiras licenciadas. Essas instituições agrupavam 53% dos clientes das IMFs da América Latina (Lima, 2009).

Na região do sul da Ásia e médio oriente, uma das IMFs que está associada ao crescimento das microfinanças é a Construir Recursos nas Comunidades (BRAC), uma organização não governamental, que surgiu como um dos antecipadores no campo da cooperação para o desenvolvimento após a guerra de libertação do Bangladesh.

Esta organização foi fundada em 1972 na vila de Sulla, no distrito de Sylhet, no Bangladesh, em resposta às necessidades humanitárias de milhares de refugiados que retornaram às suas casas no fim da guerra (Ahsan, 2005).

O objetivo desta instituição consistia em combater a pobreza, contruir plataformas de tolerância, lutar pela igualdade e inclusão, e lutar contra a violência exercida sobre mulheres e crianças.

O BRAC tem como alvo os indivíduos que vivem abaixo da linha da pobreza, como uma especial visão para as mulheres, cujas vidas são dominadas pela iliteracia, doenças e desnutrição. Tendo em vista, o poder socioeconómico dessas pessoas, o BRAC, concede créditos sem garantia de Taka 1000-10.000, o que equivale mais ou menos a 10-100 euros, reembolsáveis num ano. Durante o período inicial, o BRAC organiza vários cursos de aprendizagem para os habitantes da vila Sulla, com o objetivo de desenvolverem as suas atividades. Os habitantes envolvem-se principalmente em atividades que gerem rendimento como aves, gado, cultivo de vegetais, piscicultura, pequenos comércios (mercearias e restaurantes) (Islam, 1996).

A luta pelo desenvolvimento desta organização é executada em seis setores principais, tais como, o Programa de Desenvolvimento Económico, Programa de Saúde, Programa de Educação, Programa de Desenvolvimento Social, Direitos Humanos e Serviços Jurídicos e Gestão de Desastres e Meio Ambiente, e Mudança climática.

Com o sucesso obtido a partir das operações de microfinanças do BRAC, no Bangladesh, este cruzou a demarcação nacional e estabeleceu-se a nível internacional. Hoje em dia, é a maior

## **Microempresas e Microcrédito: uma análise para os países de baixo e médios rendimentos.**

organização de desenvolvimento do mundo, com operações em 12 países da Ásia e África, tais como, Afeganistão, Sri Lanka, Tanzânia, Uganda, Paquistão e Sul do Sudão. E ainda, o BRAC, planeia ainda, ajudar os cidadãos da Serra Leoa e da Libéria a reconstruir as suas vidas após décadas de desastrosas guerras civis. Assim o BRAC, cria oportunidades para que vivem na pobreza possam transformar a sua vida numa vida melhor (BRAC, 2019).

Na região da África, encontra-se um dos países mais pobres do mundo, a Etiópia. Neste país encontram-se duas áreas rurais com elevados níveis de pobreza são elas Amhara e Oromiya. As populações destas áreas são pobres, com aproximadamente 85% das famílias a dependerem da atividade agrícola como principal fonte de sobrevivência. O nível de escolaridade, dessas duas regiões, era baixo e mais de 70% dos chefes de família não frequentavam a escola. Menos de 3% das famílias tinham ligações com uma instituição financeira formal e apenas 13% das famílias tinham empréstimos pendentes na “baseline” (Tarozzi, 2013).

ACSI e Crédito e Ações de Poupança Empresa Oromia (OCSSC) são duas instituições de microfinanças, das regiões de Amhara e Oromiya, que oferecem microempréstimos a pequenos grupos auto formados de mutuários que são coletivamente responsáveis pelo reembolso do empréstimo.

Ambas as instituições relataram taxas de pagamento superiores a 95% nos anos antecedentes a 2015. Estas instituições apoiam os mais pobres em atividades geradoras de rendimento, em propriedades de ativos, escolaridade e no poder de decisão das mulheres (Tarozzi, 2015).

Pesquisadores identificaram partes de Amhara e Oromiya nas quais a Fundação David e Lucille Packard pretendia expandir as suas atividades de planeamento familiar e microcrédito por meio do OCSSC e ACSI. Este programa levou a um aumento substancial na probabilidade de empréstimos e no tamanho dos empréstimos, contudo existe evidências limitadas de que o programa aumentou o rendimento famílias, melhorou a frequência escolar ou proporcionou poder de decisão às mulheres (Tarozzi, 2015).

Nas associações rurais onde o programa de microcrédito foi oferecido, as taxas de empréstimos aumentaram de 22,3% para 47,5%. Esse aumento no acesso ao crédito foi, em grande parte, impulsionado por um aumento na fração de famílias que tem empréstimos do OCSSC ou ACSI (Tarozzi, 2013).

Apesar da falta de fiscalização nas mulheres a nível financeiro, a proporção de empréstimos iniciados por estas, aumentou nas aldeias onde o microcrédito se tornou disponível.



### 3.2 Microempresas nos países de baixos e médios rendimentos

Como já foi dito anteriormente, a descrição das microempresas varia essencialmente conforme o país em que esta se encontra. A figura 3 mostra os critérios de definição de microempresa no Brasil. De um modo geral, uma microempresa, consiste numa empresa que emprega no máximo dez funcionários, sendo que o proprietário/empresário costuma contribuir com o seu próprio trabalho. O facturamento anual destas companhias é reduzido, possibilitando que o pagamento de impostos/contribuições possa ser realizado de forma simplificada.

Figura 3- Empresas por Número de Empregados

DENOMINAÇÃO	INDÚSTRIA	COMÉRCIO E SERVIÇOS
ME - Microempresa	19	9
PE - Pequena Empresa	20 a 99	10 a 49
MDE - Média Empresa	100 a 499	50 a 99
GE - Grande Empresa	Acima de 499	Acima de 99

Fonte: Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (2005)

Segundo vários autores, as microempresas acompanham lógicas e comportamentos diferentes de outras empresas, incluindo pequenas empresas. Isso implica a existência de diferenças importantes nas empresas de média e pequena dimensão. O Banco Interamericano de Desenvolvimento (1997) considera a microempresa como uma unidade de produção de subsistência, cujo proprietário é quem realiza a maioria das atividades comerciais, os seus funcionários geralmente vêm da família e não é feita uma separação entre a família e a empresa. Conquanto a sua contribuição produtiva em termos de valor agregado seja limitada, os números da sua participação em estabelecimentos, emprego e trabalho independente na América Latina e nos países em desenvolvimento, colocam esse segmento de negócios, como verdadeiras opções de desenvolvimento de mercado para milhões de famílias na linha da pobreza (Lagarda, 2007).

A possibilidade de que o aparecimento das microempresas possa mitigar os efeitos dos ciclos económicos, favorecer uma melhor distribuição de rendimento e criar melhores condições de crescimento e desenvolvimento levaram, as organizações internacionais de desenvolvimento, a incluir a promoção e o apoio das microempresas nas suas linhas de ação. Esta promoção e apoio, eram parte, de uma abordagem estratégica sobre o papel, que as forças de negócios podiam

## **Microempresas e Microcrédito:** uma análise para os países de baixo e médios rendimentos.

desempenhar na procura de crescimento com imparcialidade, se se tornassem entidades inovadoras ligadas à economia moderna. Contudo, o negócio das microempresas também enfrenta dificuldades tais como, a falta de financiamento e formação técnica, devido ao baixo nível de capital humano, mostrando a sua participação reduzida nos mercados (Lagarda, 2007).

Os Governos e agências doadoras, financiam um número crescente de programas nos países com baixos rendimentos, direcionados a proprietários de pequenas empresas, mais concretamente as de menores dimensões ou microempresas. O aumento do interesse pelas empresas privadas, o reconhecimento tardio de que um grande número de pessoas ganha a vida com pequenas empresas e ainda, as preocupações com os indivíduos mais pobres (particularmente as mulheres) estimulam esses empreendimentos. Os programas de crédito às microempresas assemelham-se às tentativas anteriores de apoiar os operadores de pequenas explorações agrícolas nos países de baixos rendimentos. Os programas de crédito às microempresas rodeiam suposições semelhantes, políticas parecidas, lidam com questões de definição, utilizam o mesmo tipo de justificação de projeto e ambos presumivelmente encontram problemas semelhantes (Adams, 1991).

Como já foi dito, as organizações não governamentais juntamente com as IMFs fornecem microcrédito aos mais pobres, que se encontram nos países de baixos rendimentos, e ainda, fornecem o capital financeiro necessário para estabelecer economicamente microempresas. Este é o motivo pelo qual as microempresas e microfinanças estão intimamente associadas (Midgley, s.d.).

Muitos governos dos países mais desfavorecidos, forneceram facilidades de crédito para pequenos agricultores e proprietários de pequenas empresas rurais desde a década de 1950 e, em alguns países como as Filipinas, o governo promoveu ativamente o desenvolvimento de microempresas nas décadas de 1960 e 1970. O programa de investimento de capital no setor de pequenas empresas da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID), lançado em 1978, realizou uma pesquisa sobre o potencial da microempresa em países em desenvolvimento, tais como, Camarões, Gâmbia, Quênia, Tanzânia, Índia, Filipinas, Colômbia, Equador, El Salvador, Honduras, e, com a criação de seu Projeto de Assistência às Instituições de Recursos para o Projeto de Apoio Empresarial (AIRES), em 1985, começou a fornecer assistência técnica e financiamento para esses programas. Desde então, desempenhou um papel importante na promoção de microempresas e microfinanças (Midgley, s.d.).

## **Microempresas e Microcrédito:** uma análise para os países de baixo e médios rendimentos.

Um estudo feito por Hulme (1996), constatou que o rendimento das famílias envolvidas em atividades de microempresas aumentou mais rapidamente do que a de grupos controlados (grupos que estão a ser vigiados financeiramente). Os autores concluíram que esses estudos mostraram que o rendimento dos indivíduos mais carenciados tinha sido aumentado a partir de programas de microfinanças e de microempresas.

Alguns autores acreditam que a expansão das microempresas nas regiões mais pobres tem um efeito multiplicador. Isto é, ao aumentar o rendimento de um número considerável de famílias com baixos rendimentos, eles alegam que a procura de bens e serviços aumenta, levando a incentivar a produção local a outras atividades económicas. O aumento da atividade comercial também pode gerar novas oportunidades de emprego, à medida que empresas de sucesso se expandem e exigem mais trabalhadores. As microfinanças e as microempresas também despertam um maior interesse no empreendedorismo e, ambas, contribuem positivamente para a mobilização de capital humano e social a nível local, com consequências positivas para o alívio da pobreza, principalmente nas regiões com mais baixos rendimentos (Midgley, s.d.).

Segundo Kassai (1997), após pesquisas efetuadas anteriormente relatam o pequeno empreendedor como um indivíduo das camadas mais simples, que dá início à sua vida de trabalho ainda muito jovem, usufrui de conhecimento técnico referente à atividade que pratica, contudo não está capacitado nos setores de administração e gestão. Esta falta de capacidade nestes dois setores deve-se ao baixo nível de escolaridade destes indivíduos.

As microempresas executam um papel importante dentro da estrutura económica dos países mais pobres. Nos países de baixos e médios rendimentos o nível de pobreza da população é elevado, existindo uma percentagem de desempregados muito elevada levando a que os indivíduos que se encontram em tal situação, vejam a atividade agrícola como a única sustentação no meio familiar.

Em relação ao desemprego, as microempresas são vistas como uma nova e potencial alternativa para defrontar problemas de desemprego, desigualdade e pobreza, a níveis nacionais e mundiais (Mac-Clure, 2001).

Para se entender melhor a importância das microempresas nos países de baixos e médios rendimentos, é interessante falar sobre um estudo realizado pela Organização Internacional do Trabalho (OIT<sup>1</sup>), citado pela ONU News, sobre o facto das microempresas se tornarem as maiores geradoras de emprego em países em desenvolvimento.

---

<sup>1</sup> OIT: Organização Internacional do Trabalho

## **Microempresas e Microcrédito: uma análise para os países de baixo e médios rendimentos.**

O estudo revelou que no trabalho por conta própria, as microempresas e as pequenas empresas representam 70% do emprego total. E é nessas regiões, que o maior número de empregos está a ser gerado, a nível global. Este estudo foi realizado em 99 países, a 11 de outubro de 2019, e sugere que o apoio às pequenas unidades económicas seja “um tópico central das estratégias de desenvolvimento económico e social” (ONU News, 2019).

A OIT ainda divulga que 58% do total dos empregos nos países de rendimentos altos são pertencentes a pequenas unidades económicas, em contrapartida nas regiões com baixos e médios rendimentos a proporção de pequenas unidades económicas é consideravelmente maior. Nestas regiões de baixos e médios rendimentos a proporção de pequenas unidades económicas alcança uma percentagem mais elevadas do que as médias e grandes empresas (ONU News, 2019).

### **3.3 Particularidades do Microcrédito e Microempresas nos países de baixos e médios rendimentos**

Como temos visto no decorrer deste estudo, as regiões onde se encontram os países de baixos e médios rendimentos, são áreas com elevado número de microempresas e uma incidência elevada de microcrédito, muito devido aos níveis elevados de pobreza encontrados nestes países.

O Banco Mundial, em outubro de 2018, no relatório sobre rendimentos abaixo dos US \$ 5,50, disse que avanços económicos no mundo mostram que, embora menos pessoas vivam em situação de pobreza extrema, quase metade da população mundial (3,4 bilhões de pessoas), ainda luta para satisfazer as necessidades básicas. Explicando a classificação de rendimentos, viver com menos de US \$ 3,20 por dia, a preços constantes, retrata a linha de pobreza em países de médio-baixos rendimento, enquanto US \$ 5,50 por dia, a preços constantes, é a linha-padrão para países de médio-alto rendimento, de acordo com o relatório bienal do Banco Mundial sobre a Pobreza e Prosperidade Compartilhada, intitulado “Montado o Quebra-Cabeça da Pobreza”. Mais de 1,9 bilhão de pessoas, ou seja, 26,2% da população mundial, viviam com menos de 3,20 dólares por dia em 2015. Cerca de 46% da população mundial vivia com menos de 5,50 dólares por dia (World Bank, 2018).

O estudo que o Banco Mundial realizou, em 2018, que mencionei assim, conseguiu monitorizar melhor a pobreza em todos os países, a partir de novos indicadores económicos. A região da Ásia Oriental e Pacífico, sendo esta uma região onde se encontram países com baixos

## **Microempresas e Microcrédito:** uma análise para os países de baixo e médios rendimentos.

rendimentos, foi uma das que teve melhores resultados, o rendimento dos 40% mais pobres da população aumentou, em média, para 4,7% entre 2010 e 2015. A região da Ásia Oriental não obteve apenas as maiores reduções na pobreza extrema, como também na proporção de redução de pessoas que vivem com menos de US\$3,20 e US\$5,50 por dia. A região da América Latina e Caribe não alcançaram tão bons resultados entre 2010 e 2015, uma vez que as suas economias sofreram o impacto de uma desaceleração nos preços globais de *commodities* (produtos que funcionam como matéria-prima). Em 2015, a região tinha quase 11% da população com rendimento inferior a US \$ 3,20 por dia e mais de 26%, com rendimentos inferiores a US \$ 5,50 por dia. No Oriente Médio e Norte de África os níveis de pobreza extrema mantiveram-se baixos nesses anos, embora se tenha registado um aumento no número de indivíduos que vivem com menos de US \$ 1,90 por dia. Porém, esta região, tinha mais pessoas com rendimentos inferiores a US \$ 5,50 por dia em 2015 do que em 1990 (World Bank, 2018).

Já a região da Ásia do Sul registou um crescimento notável dos rendimentos dos 40% mais pobres, entre 2010 e 2015. Não obstante do declínio de 35% na pobreza extrema, entre 1990 e 2015. Esta área apresentou apenas um recuo de 8%, nas pessoas com rendimentos inferiores a US \$ 3,20 por dia, e mais de 80% da região ainda vivia abaixo dos US \$ 5,50 por dia, em 2015. Por fim, um terço dos países da África Subsariana, teve um crescimento negativo do rendimento, relativamente a 40% da sua população mais pobre. Esta é a região com maior número de pessoas a viver na pobreza extrema. África foi a região que viu a sua população quase duplicar entre 1990 e 2015, sendo que um dos maiores aumentos se deu entre a população que vive com rendimentos inferiores a US \$ 3,20 e superior a US \$1,90 (World Bank, 2018).

Estes dados, acima mencionados, podem ser observados de certo modo, através da Figura 4, onde se pode verificar, que as regiões com maiores percentagens de população em pobreza extrema são, a África Subsariana e o Sul da Ásia. Com percentagens de 42,5% em 2013, 41,1% em 2015 e 16,2% em 2013, 12,4% em 2015, respetivamente. É verificável, na figura 4, que tanto a região da África Subsariana e o Sul da Ásia apresentaram uma descida percentual da sua pobreza extrema, contudo estes valores ainda são bastante elevados.

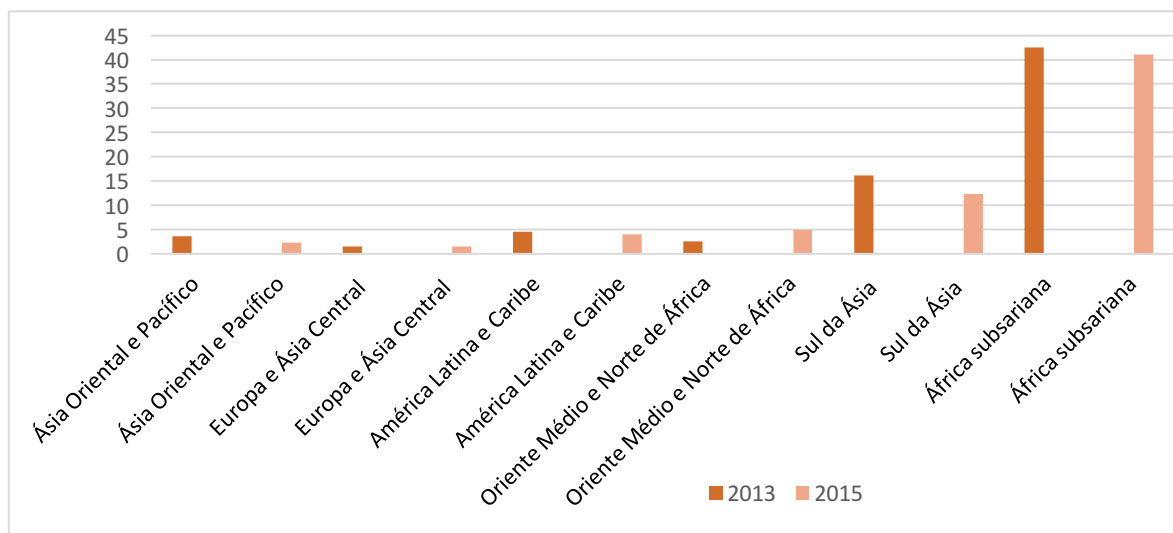
Na Figura 5, pode-se verificar a percentagem de pessoas que vivem com menos de US \$ 1,90 por dia. Os que apresentam maiores valores são os de baixos rendimentos, obtendo em 2015 uma percentagem de 45% de população a viver em extrema pobreza. Seguido dos países consideráveis médios-baixos rendimentos, com uma percentagem de 14,1% em 2015.

**Microempresas e Microcrédito: uma análise para os países de baixo e médios rendimentos.**

Como é de se esperar, os países que se encontram dentro dos médios-altos rendimentos são os que tem percentagens mais baixas de população em extrema pobreza, visto que são países com níveis de rendimento mais altos. Nesta figura, pode-se observar que ao longo dos anos o nível de pobreza tem diminuído, contudo, nas regiões com mais baixos rendimentos ainda é possível destacar-se valores muito elevados de pobreza extrema.

Com estes dados, é possível constatar o efeito positivo das IMFs no apoio ao crédito às populações destes países, no entanto, ainda existe população mundial a precisar de apoio financeiro para poder melhorar o seu nível de vida.

**Figura 4 - Percentagem de pobreza extrema na população mundial (rendimentos inferiores a US \$ 1,90/dia) entre 2013 e 2015**



Fonte: Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento. Elaborado pela autora

**Figura 5 – Índice de pobreza de US \$ 1,90 por dia (Porcentagem da população) entre 2011 e 2015**



Fonte: Banco Mundial (2019). Elaborado pela autora

Observando agora as regiões com níveis de rendimentos baixos e médios através da análise individual dos países que a constitui, no que diz respeito ao microcrédito concedido, é possível constatar que o Sudão é o país que mais se destaca, de entre o grupo de países que estão representados na Tabela 1, sendo que, em 2017, se verifica uma diminuição da percentagem de empréstimos realizados pelas instituições de microcrédito, ocorrendo em 2018 um ligeiro aumento. Na Bolívia, verifica-se uma diminuição no mesmo ano que no Sudão, tendo em 2018, sofrido um pequeno aumento da percentagem. O Camboja, teve uma ligeira diminuição da percentagem de empréstimos realizados pelas instituições de microcrédito em 2016 e depois desse ano teve uma evolução crescente. Tanto o Sudão, a Bolívia como o Camboja são países que pertencem à região dos médios-baixos rendimentos. Na Tabela A1, no Anexo 8.1, estão disponíveis as percentagens de empréstimos de todas as Instituições de Microcrédito com os restantes países analisados, isto vai ajudar a compreender a percentagem de empréstimos de microcrédito em países de baixos e médios rendimentos.

**Tabela 1 - Empréstimos de todas as Instituições de Microcrédito (% do PIB) entre 2015 e 2018**

	2015	2016	2017	2018
Bolívia	19,76	20,47	18,83	19,48
Burkina Faso	2,1	2,07	2,17	2,26
Camboja	16,52	15,58	19,19	21,91
Nepal	2,58	3,43	4,03	4,85
Peru	4,73	4,98	5,34	5,46
Sudão	107,1	111,75	90,88	104,22
Zâmbia	1,59	1,31	1,63	1,95

Fonte: IMF Data. Elaborado pela autora.

Realizou-se a mesma análise, mas agora, para o Número de Microempresas existentes nos países de baixos e médios rendimentos das regiões mais pobres, como é possível verificar através das tabelas e da figura abaixo.

A partir da observação da Tabela 2, pode ver-se que, dos países acima já analisados, os países com maior percentagem de empréstimos concedidos por instituições de microcrédito são o Peru, o Camboja, a Bolívia e o Nepal.

O Peru é o que apresenta o maior número de Microempresas com um total de 1.607.305, nesse ano. Contudo, se se compara com a percentagem de microcrédito atribuído, por parte de todas as instituições de microcrédito nesse país, é possível verificar um valor muito baixo, de apenas 5,34%. O Camboja e a Bolívia apresentam valores um pouco mais baixos, mas ainda assim elevados, cerca de 363.638 e 216.064 microempresas existentes, respetivamente. Embora, estes dois países tenham um número mais reduzido de Microempresas, obtiveram valores mais altos na percentagem de microcrédito concedido.

Na Tabela A2, no Anexo 8.2, estão disponíveis o número de microempresas existentes com os restantes países analisados.

Pela pesquisa na base de dados do Banco Mundial, o Peru é considerado um país com “upper middle income”, já o Camboja e a Bolívia são considerados países com “lower middle income”, ou seja, a partir da análise destas duas tabelas, podemos afirmar que, os países com rendimentos médios-baixos são os que comportam maior quantidade de microcrédito e, os países com rendimentos médios-altos, são os que tem uma elevada quantidade de microempresas.

Porém, é também importante analisar o número de microempresas por região.



**Microempresas e Microcrédito:** uma análise para os países de baixo e médios rendimentos.

Analisando a Figura 6, é possível verificar que, as três regiões com maior número de Microempresas são as regiões da Ásia Leste e Pacífico, América Latina e Caribe e, ainda, a África Subsariana.

Em 2017, estas regiões tinham no total cerca de 48,6, 26,2 e 42,7 milhões de microempresas, respetivamente. Com estes dados verificamos a existência de um maior número de microempresas nas regiões mais necessitadas, pois, estas três são caracteristicamente pobres.

A Tabela 3, mostra que os países com baixos rendimentos, tem menor número de microempresas, cerca de 3,4 milhões, ao contrário dos países com médios-altos rendimentos que, em 2017, usufruíam de cerca de 76,6 milhões de microempresas.

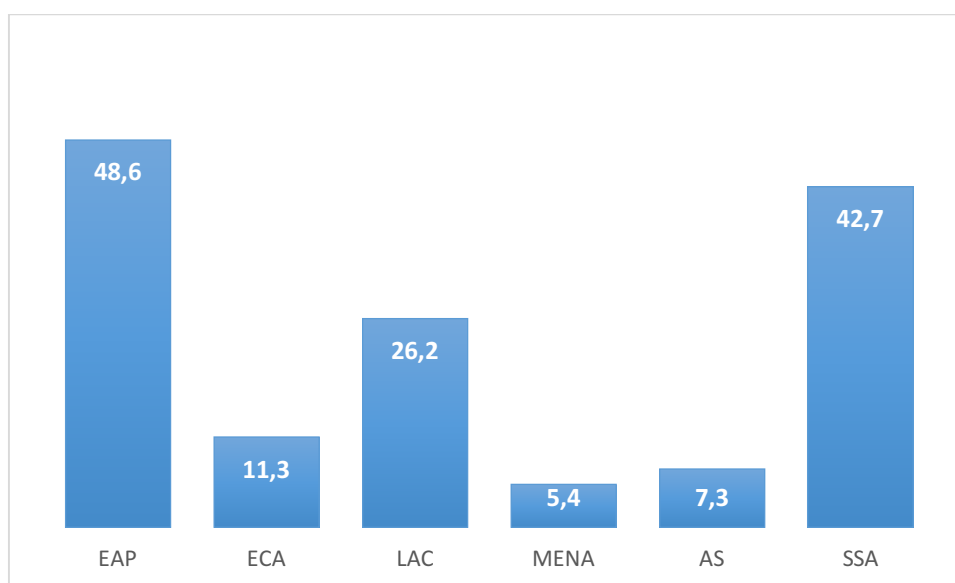
**Tabela 2 - Número de Microempresas em 2017**

	2017
Bolívia	216.064
Burkina Faso	55.166
Camboja	363.638
Nepal	208.558
Peru	1.607.305
Sudão	8.554
Zâmbia	17.123

Fonte: Fórum de Finanças PME Data.

**Microempresas e Microcrédito:** uma análise para os países de baixo e médios rendimentos.

**Figura 6 - Número de Microempresas em 2017 por regiões (milhões)**



Fonte: Fórum de Finanças PME Data.

EAP: East Asia and Pacific; ECA: Europe and Central Asia; LAC: Latin America Caribbean; MENA: Middle East and North Africa; AS: South Asia e SSA: Sub-Saharan Africa

**Tabela 3 - Número de Microempresas nos países de baixos e médios rendimentos (em milhões)**

	2017
LI2	3,4
LMI3	55,8
UMI4	76,6

Fonte: Fórum de Finanças PME Data.

A Conferência da ONU sobre os países mais pobres fomentarem negócios dinâmicos, realizada em 2018, reportou que os países menos desenvolvidos do mundo, necessitariam de incrementar negócios dinâmicos, que criassem empregos e ajudassem a reduzir a pobreza. Nesta

<sup>2</sup> LI: Low Income, baixo rendimento

<sup>3</sup> LMI: Lower Middle Income, médio-baixo rendimento

<sup>4</sup> UMI: Upper Middle Income, médio-alto rendimento

## **Microempresas e Microcrédito:** uma análise para os países de baixo e médios rendimentos.

conferência falou-se sobre o Relatório dos Países Menos Desenvolvidos desse ano, pois, este relatório analisa as condições para a criação e o crescimento de empresas, de alto impacto nesses países. Os países menos desenvolvidos, neste relatório, eram compostos por 47 estados, na sua maioria da África Subsariana.

Este relatório dizia que, a maioria das empresas dos países menos desenvolvidos, são formadas por micro e/ou pequenas empresas e, 58% das empresas formais têm, no máximo, 20 trabalhadores. O empreendedorismo nestes países é controlado pelo trabalho autónomo, que retrata 70% do emprego total. Este trabalho autónomo abrange as micro e pequenas empresas informais, com baixas taxas de sobrevivência, de crescimento e de pouca propensão a inovar. O relatório em causa ainda destacou que, a grande maioria dos empresários dos países menos desenvolvidos, é existente pela necessidade destes de poderem sobreviver (ONU News, 2018).

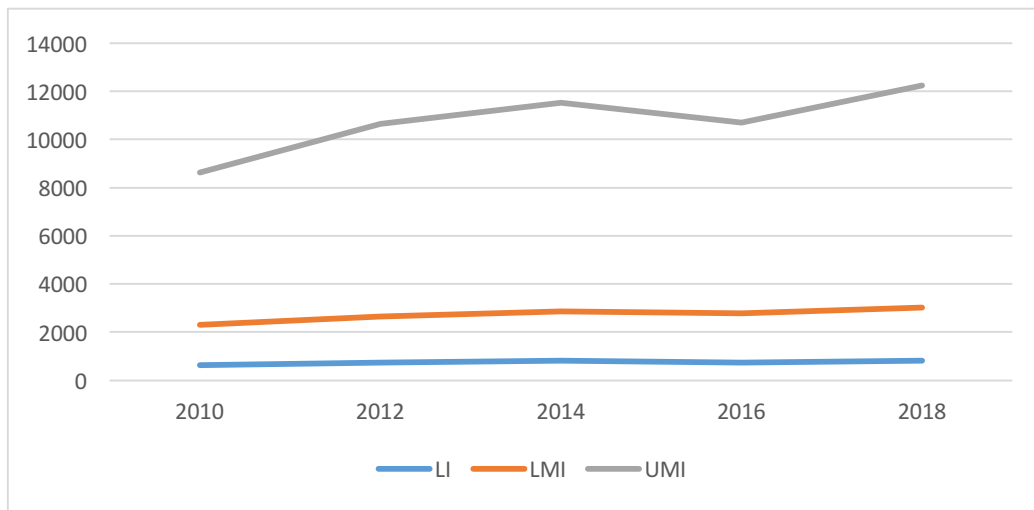
Concluiu ainda que, cerca de 270 milhões de trabalhadores nos países menos desenvolvidos eram trabalhadores independentes em 2017, o que normalmente é observado como uma forma de empreendedorismo. Este número de trabalhadores equivale a 70% do emprego total, comparado com 50% noutros países em desenvolvimento (ONU News, 2018).

Na Figura 7 está representada a evolução do PIB per-capita de 2010 a 2018, sendo possível fazer uma leitura dos valores do PIB per-capita, ao longo dos nove anos, do conjunto dos três tipos de rendimentos, os baixos rendimentos, médios-baixos rendimentos e médios-altos rendimentos. Neste estudo os que importa analisar são os dois primeiros.

Dos três tipos de rendimentos considerados na análise, o que obteve maiores valores do PIB per-capita, nesse intervalo de tempo, foi o conjunto de países que pertencem ao grupo dos médios-altos rendimentos, alcançando nesse tempo, o seu máximo em 2018. De 2010 a 2014 o PIB per-capita foi aumentando nos países de médios-altos rendimentos, contudo, em 2016, verifica-se uma ligeira descida.

Tanto os países com baixos rendimentos como os com médio-baixos rendimentos, mantiveram uma pequena subida ao longo deste período, mas obtiveram níveis baixos de PIB per-capita. De acordo com o Banco Mundial, em 2018, o Nepal, que por este é considerado um país de baixos rendimentos, apresentou um PIB per-capita de aproximadamente 1026 dólares enquanto que, o Sudão, um país com médios-baixos rendimentos, obteve um PIB per-capita cerca de 977 dólares.

**Figura 7- Evolução do PIB per-capita entre 2010 e 2018 (em dólares)**



Fonte: Banco Mundial Data (2019). Elaborado pela autora. LI: baixos rendimentos; LMI: médios-baixos rendimentos; UMI: médios-altos rendimentos

No que diz respeito ao investimento num país, a partir da figura 8, é possível observar a evolução do investimento dos países com baixos rendimentos, médios-baixos rendimentos e médios-altos rendimentos, entre os anos 2011 e 2016.

A partir da análise da figura constata-se que, países com médios-altos rendimentos, foram os que obtiveram maiores níveis de investimento, e que, em 2013, tiveram o maior valor, cerca de 31,76%, contudo, a partir desse ano, a percentagem de investimento foi diminuindo, adquirindo em 2016 um valor de aproximadamente 29,95%.

Os países com baixos rendimentos revelaram pequenas subidas de investimento ao longo deste intervalo de tempo, alcançando o seu valor máximo de investimento em 2014, cerca de 26,94% de investimento nesses países. Também é observável que, em 2016, os países com médios-altos rendimentos, tiveram uma percentagem relativamente próxima dos países com baixos rendimentos, cerca de 3,24% de diferença.

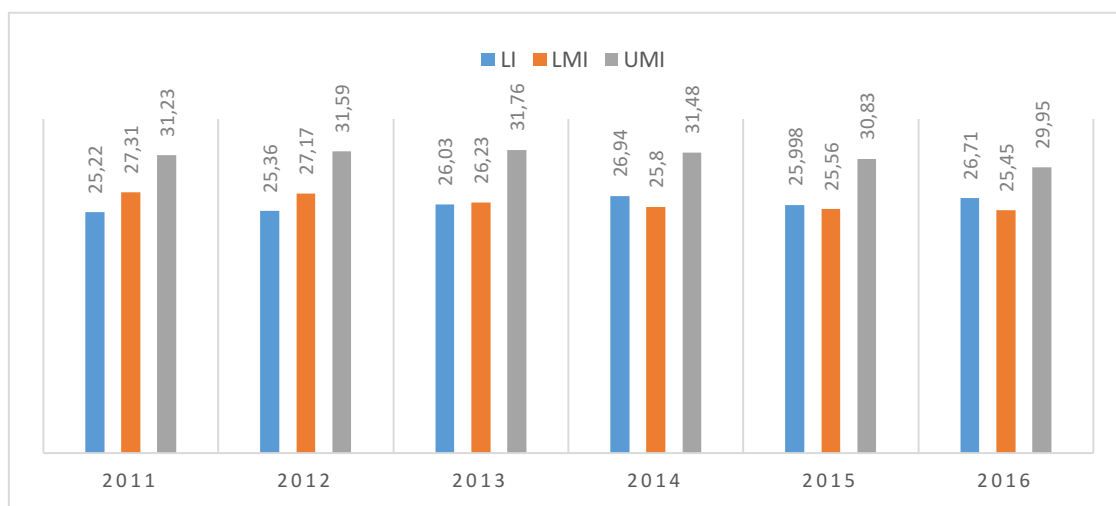
Em relação aos países com médios-baixos rendimentos, entre 2011 e 2016, observou-se uma descida da percentagem de investimento, chegando no último ano a obter o valor mais baixo dos três tipos de rendimentos.

Os países menos desenvolvidos do mundo têm realizado registado melhorias, diminuindo a pobreza. Esses melhoramentos consistem no aumento ao acesso à internet e a telefones móveis, alargamento das infraestruturas de transporte e aperfeiçoamento da regulação ambiental para o

## Microempresas e Microcrédito: uma análise para os países de baixo e médios rendimentos.

setor privado. Obteve-se uma redução na mortalidade infantil e melhoria nos níveis de igualdade de gênero, na educação primária e representação feminina nos parlamentos. O investimento nos países mais pobres produziu resultados positivos. Muitos desses países estão a caminho de conseguirem mudar o seu status de desenvolvimento. Contudo, os países menos desenvolvidos necessitam de um elevado grau de ajuda internacional para poderem fortalecer os seus setores de agricultura, manufatura e serviços (ONU Brasil, 2016 julho 27).

Figura 8 - Evolução do Investimento ente 2011 e 2016 (% do PIB)



Fonte: Banco Mundial Data. Elaborado pela autora. LI: baixos rendimentos; LMI: médios-baixos rendimentos; UMI: médios-altos rendimentos

Numa economia de mercado, os preços dos bens e serviços podem sempre sofrer alterações, uns preços sobem outros descem. Fala-se de inflação quando se observa um aumento geral dos preços dos bens e serviços e não, quando apenas os preços de artigos singulares sobem. O resultado desta situação, é que se compre menos com o mesmo valor de moeda do que antes da subida dos preços.

O aumento do custo de vida provocado pela inflação, diminui as quantidades de bens e serviços que o rendimento do indivíduo pode comprar. Sendo assim, as populações mais pobres são os que mais sofrem com uma inflação elevada. Analisando um país que seja mais prejudicado pela elevada inflação, vê-se que os seus rendimentos se tornam mais baixos para o custo de vida elevado.

## **Microempresas e Microcrédito:** uma análise para os países de baixo e médios rendimentos.

Easterly e Fisher (2001), citado por Correia (2009), mostram evidência indireta sobre os efeitos da inflação na desigualdade. Estes dois autores concluíram, a partir da análise de dados de 38 países que, os mais pobres preocupam-se mais com a inflação do que propriamente os ricos.

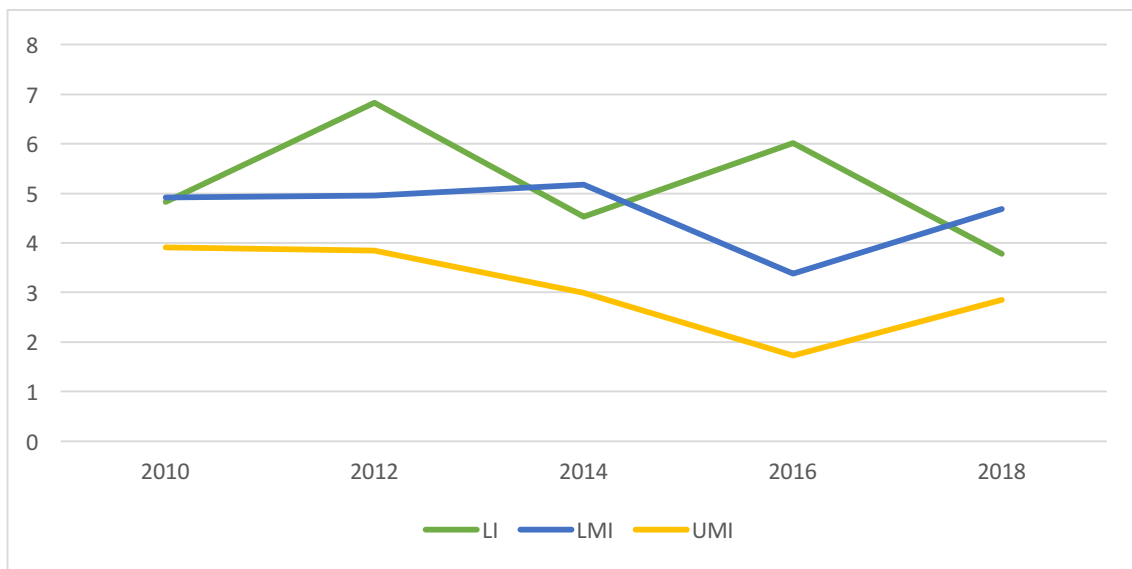
Observando agora a Figura 9, verificamos a evolução da Inflação entre 2010 e 2018, sendo possível ler os valores da Inflação, ao longo dos nove anos, dos três tipos de rendimentos que estão a ser analisados neste estudo, os baixos rendimentos, médios-baixos rendimentos e médios-altos rendimentos. Neste estudo os que importa analisar são os dois primeiros.

Analisando a figura, é possível ver que os países com baixos rendimentos obtiveram taxas de Inflação elevadas ao longo do período em análise, alcançando, em 2012, a sua maior percentagem, cerca de 6,83% de Inflação. Contudo, estes foram os que obtiveram uma maior diminuição da Inflação, chegando a 2018 com uma Inflação de 3,78%, ou seja, um decréscimo de 3,05 pontos percentuais.

Os países com rendimentos médios baixos, mantiveram um nível de inflação ligeiramente constante entre 2010 e 2014, embora em 2016 existisse uma descida acentuada, chegando a 3,38% de Inflação. Já no período de 2016 a 2018, a Inflação subiu, alcançando o valor de 4,69%, uma percentagem maior do que os países de baixos rendimentos.

Verificamos então que, tem havido uma melhoria do bem-estar das famílias que se encontram nos países com baixos rendimentos, graças também, à diminuição da Inflação. Isto, decerto modo, leva a uma diminuição da desigualdade económica das populações nesses países.

**Figura 9 - Evolução da Inflação entre 2010 e 2018 (% preço do consumidor)**



Fonte: Banco Mundial Data. Elaborado pela autora. LI: baixos rendimentos; LMI: médios-baixos rendimentos; UMI: médios-altos rendimentos

Joseph Stiglitz diz que a inovação está presente no coração do êxito de uma economia moderna. O mundo desenvolvido planeou, cuidadosamente, leis que fornecem aos inovadores um direito exclusivo às suas inovações e aos lucros que delas procedem. Contudo, há a preocupação de que, a focalização nos lucros para as corporações ricas, represente uma sentença de morte para os mais pobres no mundo em desenvolvimento (Dowbor, 2003).

Stiglitz expõe que os países em desenvolvimento são mais pobres não só porque têm menos recursos, como também a existência de um hiato em conhecimento (Dowbor, 2003).

Chade é considerado um dos países mais pobres e corruptos do mundo, e ainda, com fraca aptidão de inovação e na utilização de tecnologias de informação. Segundo o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) das Nações Unidas, este país é o quarto mais pobre do mundo e o décimo sexto mais corrupto do mundo, a partir do Índice de Percepção de Corrupção (IPC) da Transparência Internacional (Neto, 2018).

De acordo com o Fórum Económico Mundial, Chade é o país menos competitivo do mundo. Estando, em 2018, na última posição num ranking de 140 países. Dos treze indicadores utilizados para classificar um país, a adoção de tecnologias de informação é o ponto mais fraco deste país, com uma pontuação de 13 numa escala de 100. Porém, a capacidade de inovação é outro ponto fraco. Segundo o fórum acima mencionado, o Chade obteve 22 pontos numa escala

## **Microempresas e Microcrédito: uma análise para os países de baixo e médios rendimentos.**

até 100 devido à fraca diversidade da força de trabalho, nível de crescimento dos clusters, invenções internacionais, publicações científicas, aplicação de patentes e pela qualidade das instituições de pesquisa (Neto, 2018).

O exemplo do Chade, é um bom exemplo da existência de muitos países com baixos rendimentos e com níveis de inovação muito reduzidos

Segundo Utoikamanu, representante da ONU para os Países Menos Desenvolvidos, o acesso a tecnologia, ciência e inovação é de elevada importância para os países menos desenvolvidos, para que estes não fiquem para trás em relação aos restantes. Em 2017, existiam 47 países na lista dos menos desenvolvidos, constituindo mais de 880 milhões de pessoas, ou seja, cerca de 12% da população mundial (UN News, 2017).

A criação do Banco de Tecnologia (banco pertencente à ONU) foi uma prioridade no “Programa de Ação de Istambul” adotado em 2011, que simbolizou a visão e a estratégia para o desenvolvimento sustentável dos Países Menos Desenvolvidos. Aguarda-se, que este banco, alargue a aplicação da ciência, tecnologia e inovação aos países mais pobres do mundo, melhorando as políticas relacionadas à tecnologia, auxiliando a transferência de tecnologia e aumentando a integração destes países na economia global, baseada no conhecimento.

O Banco de Tecnologia também servirá como um centro de conhecimento, interligando necessidades e recursos, ajudando o acesso dos Países menos desenvolvidos aos projetos existentes, relacionados à tecnologia e desenvolvimento.

A partir da Tabela 4, é possível observar o Índice de Inovação, entre 2012 e 2018, para os países de baixos e médios rendimentos.

Os países presentes na tabela, segundo o Banco Mundial, são divididos em três tipos de rendimentos. Benin, Burkina Faso, Madagáscar, Nepal, Ruanda são os países com baixos rendimentos. Bolívia, Camboja, Gana, Paquistão e Sudão são os países com médios-baixos rendimentos. E o México e o Peru são os países com médios-altos rendimentos.

De um modo geral, todos os países aqui presentes têm índices de inovação relativamente baixos. O valor mais alto foi em 2018 e pertence ao México, com um Índice de Inovação de 35,3 valores.

Se se analisar com atenção, os países com rendimentos médios-altos, são os que demonstram melhores valores de Índice de Inovação. Contudo, Ruanda, sendo um país de baixos rendimentos, teve valores altos comparando com os outros países, chegando, em 2016, a obter um valor de 30 na escala de 0-100. Isto demonstra que, existem países com baixos rendimentos,



**Microempresas e Microcrédito: uma análise para os países de baixo e médios rendimentos.**

que com ajudas de organizações como a ONU, estão aos poucos a aumentar o seu nível de inovação e, assim, a melhorar o desenvolvimento económico e sustentável do país.

A maioria dos países presentes na tabela diminuíram ao longo dos sete anos os níveis de inovação. Lembrando do Chade, o país com mais fraca capacidade de inovação, também considerado pelo Banco Mundial como, um país de baixos rendimentos, nem sequer aparece na base de dados do The Global Economy, como o nível de inovação é tão baixo que nem chega a aparecer nessa base de dados.

**Tabela 4 - Índice de Inovação entre 2012 e 2018 (escala de 0-100)**

	2012	2014	2016	2018
Benin	24,4	24,2	22,2	20,6
Bolívia	25,8	27,8	25,22	22,9
Burkina Faso	24,6	28,2	21	18,9
Camboja	23,4	28,7	27,9	26,7
Gana	29,6	30,3	26,7	24,5
Madagáscar	24,2	25,5	24,8	24,8
México	32,9	36	34,6	35,3
Nepal	26	23,8	23,1	24,2
Paquistão	23,1	24	22,6	24,1
Peru	34,1	34,7	32,5	31,8
Ruanda	27,9	29,3	30	26,5
Sudão	26,4	25,8	19,9	20,7

Fonte: The Global Economy

## **4. Estudo Empírico**

Após a análise da literatura acerca do microcrédito e das microempresas, mais concretamente, sobre a importância do microcrédito e a importância das microempresas, é necessário estudar os fatores que contribuem para a importância do microcrédito no total do crédito do país e quais os fatores que explicam a importância das microempresas no total de empresas de um país, a partir da análise de variáveis socioeconómicas, das regiões que estão em estudo.

A amostra integra 76 países de baixos e médios rendimentos.

Nos capítulos seguintes expõem-se a metodologia utilizada e os resultados alcançados.

### **4.1 Metodologia**

#### **4.1.1. Questão e Hipótese de Estudo**

Neste estudo, pretendem-se identificar os fatores mais importantes que nos ajudem a justificar o peso do microcrédito e o peso das microempresas nas economias dos países de baixos e médios rendimentos. Desenvolvendo assim uma análise do peso do microcrédito no total de crédito concedido e da importância das microempresas nos países mais desfavorecidos.

#### **4.1.2. Dados**

Cada vez mais se vê um mercado em evolução. Os consumidores estão gradualmente a ser mais exigentes. O desenvolvimento da globalização afeta a competitividade das empresas no mercado, e essa competitividade, faz com que parte dessas empresas alcancem os lugares de topo no mercado empresarial.

Neste estudo pretendeu-se usar uma base de dados formada pelo maior número de países dentro do segmento de países de baixos e médios rendimentos. Assim, foi feita uma procura ativa dos dados de um elevado número de países do mundo, de modo a alcançar uma amostra representativa destes países.

## **Microempresas e Microcrédito:** uma análise para os países de baixo e médios rendimentos.

Relativamente ao tamanho temporal da amostra, já que a pesquisa vai concentrar um grande número de países, o espaço temporal deste estudo é só de um ano. Então, o espaço temporal da amostra será o ano 2010.

Para promover uma maior dimensão da amostra, em alguns casos, consideraram-se também como incluídas nesse espaço temporal observações relativas ao ano de 2009 e 2011.

As bases de dados utilizadas no estudo provêm das seguintes instituições:

- The Global Economy ([http:// www.theglobaleconomy.com/](http://www.theglobaleconomy.com/));
- IMF (<https://www.imf.org/>);
- MSME (<https://www.smefinanceforum.org/>);
- Banco Mundial (<http://www.worldbank.org/>).

Estas bases de dados, contêm um elevado número de informações acerca das microempresas e da evolução económica dos países de todo o mundo.

A análise tem por base 76 países, divididos em três características, são elas baixo rendimento, médio-baixo rendimento e médio-alto rendimento.

Os países que serão analisados com baixos rendimentos serão Afeganistão, Bangladeche, Benim, Birmânia, Burkina Faso, Burundi, Camboja, Etiópia, Madagáscar, Malawi, Mali, Niger, Nigéria, Quênia, Quirguistão, Ruanda, Sudão do Sul, Tajiquistão, Tanzânia, Togo e Uganda.

As economias que apresentam médios-baixos rendimentos serão Albânia, Arménia, Bolívia, Camarões, El salvador, Filipinas, Gana, Honduras, Índia, Indonésia, Kosovo, Marrocos, Moldávia, Mongólia, Nicarágua, Paquistão, Paraguai, República Árabe Unida, Senegal, Sri Lanka, Sudão, Ucrânia, Vietnam e Zâmbia.

Os que são médios-altos rendimentos consistem em África do Sul, Angola, Azerbaijão, Belarus, Botswana, Brasil, Bulgária, Cazaquistão, China, Costa Rica, Ecuador, Guatemala, Guiana, Hungria, Jamaica, Jordânia, Líbano, Macedónia FYR, Malásia, Maurícia, México, Montenegro, Namíbia, Panamá, Peru, República Dominicana, România, Sérvia, Tailândia, Tunísia, Turquia e Venezuela.

**Tabela 5 - Países com baixos rendimentos , médios-baixos rendimentos, médios-altos rendimentos, representados neste estudo**

Países representados no Estudo			
Afeganistão	Costa Rica	Mali	Ruanda
África do Sul	Ecuador	Maurícia	Senegal
Albânia	El Salvador	Marrocos	Sérvia
Angola	Etiópia	México	Sri Lanka
Arménia	Filipinas	Moldávia	Sudão
Azerbaijão	Gana	Mongólia	Tajiquistão
Bangladesh	Guatemala	Montenegro	Tanzânia
Belarus	Guiana	Namíbia	Tailândia
Benin	Honduras	Nicarágua	Togo
Birmânia	Hungria	Níger	Tunísia
Bolívia	Índia	Nigéria	Turquia
Botswana	Indonésia	Panamá	Ucrânia
Brasil	Jamaica	Paquistão	Uganda
Bulgária	Jordânia	Paraguai	Venezuela
Burkina Faso	Kosovo	Peru	Vietname
Burundi	Libano	Quênia	Zâmbia
Camarões	Macedónia	Quirguistão	
Camboja	Madagáscar	República Árabe Unida	
Cazaquistão	Malásia	República Dominicana	
China	Malawi	Romania	

De modo a compreender quais são os determinantes que justificam as variáveis dependentes, que no caso são variáveis sobre o peso do microcrédito e o peso das microempresas, será essencial, elaborar uma base de dados referente e com o apoio da revisão de literatura.

Na tabela que se encontra em baixo estão expressas as distintas fontes de dados que ajudaram na construção da base de dados neste trabalho.

**Tabela 6 - Fonte de dados das variáveis em estudo**

Variável	Fonte	Ano observado
PIB per capita, PPP	Banco Mundial – base de dados Economy & Growth (disponível em: <a href="https://data.worldbank.org/topic/economy-and-growth?view=chart">https://data.worldbank.org/topic/economy-and-growth?view=chart</a> )	2010
Inflação		2010
Investimento	Banco Mundial – base de dados Financial Sector (disponível em: <a href="https://data.worldbank.org/topic/financial-sector?view=chart">https://data.worldbank.org/topic/financial-sector?view=chart</a> )	2010
Microcrédito Concedido		2010
Gini	Banco Mundial – base de dados Poverty (disponível em: <a href="https://data.worldbank.org/topic/poverty?view=chart">https://data.worldbank.org/topic/poverty?view=chart</a> )	2010
Proporção de população em situação de pobreza nas linhas de pobreza nacional (% da população)		2010
Proporção de população pobre com US\$1,90 por dia (2011 PPP) (% da população)		2010
Proporção de população pobre com US\$5,50 por dia (2011 PPP)		2010

**Microempresas e Microcrédito:** uma análise para os países de baixo e médios rendimentos.

(% da população)		
Crédito Concedido	IMF- bases de dados (disponível em: <a href="https://data.imf.org/?sk=388DFA60-1D26-4ADE-B505-A05A558D9A42&amp;slid=1479331931186">https://data.imf.org/?sk=388DFA60-1D26-4ADE-B505-A05A558D9A42&amp;slid=1479331931186</a> )	2010
Total de Microempresas	MSME- base de dados MSME Indicadores Económicos (disponível em: <a href="https://www.smefinanceforum.org/data-sites/msme-country-indicators">https://www.smefinanceforum.org/data-sites/msme-country-indicators</a> )	2010
Total de Empresas		2010
Índice de Inovação	The Global Economy- base de dados índice de Inovação (disponível em: <a href="https://www.theglobaleconomy.com/rankings/GII_Index/">https://www.theglobaleconomy.com/rankings/GII_Index/</a> )	2011

#### 4.1.3. Modelo Econométrico

Com o intuito de averiguar quais são os fatores determinantes do peso do microcrédito e do peso das microempresas existentes num país, vai ser necessário utilizar o modelo de regressão linear que se encontra já a seguir.

O modelo de regressão linear apresenta-se, de uma forma genérica, da seguinte forma:

$$Y_i = \gamma_0 + \gamma_1 X_{1i} + \dots + \gamma_k X_{ki} + \mu_i$$

No caso concreto dos modelos:

*Variável Dependente<sub>i</sub>*

$$\begin{aligned}
 &= \gamma_0 + \gamma_1 \text{Inflação}_i + \gamma_2 \frac{\text{Investimento}_i}{\text{Produto Interno Bruto}_{it}} \\
 &+ \gamma_3 \text{Produto Inteno Bruto per capita, PPP}_i \\
 &+ \gamma_4 \text{Índice de Inovação}_i + \gamma_5 \text{Gini}_i \\
 &+ \gamma_6 \text{Índice de incidência de pobreza nacional}_i \\
 &+ \gamma_7 \text{Índice de incidência de pobreza com \$1,90 por dia}_i \\
 &+ \gamma_8 \text{Índice de incidência de pobreza com \$5,50 por dia}_i + \mu_i
 \end{aligned}$$

Onde:

**Microempresas e Microcrédito:** uma análise para os países de baixo e médios rendimentos.

- $i = 1, \dots, 76$  (pois indicia os países da amostra)
- $\mu_i$  é o termo de erro ou perturbação.

Assim, as duas variáveis dependentes selecionadas foram, percentagem de microempresas pelo total de empresas existentes num país e percentagem de microcrédito concedido sobre o total de crédito concedido. Com estes modelos poderei testar se o peso das microempresas e do microcrédito é maior em países de menores rendimentos per capita do que nos outros.

As variáveis independentes selecionadas foram, o índice de inovação, inflação, investimento sobre o PIB, o PIB per capita PPP, exportação sobre o PIB, importação sobre o PIB, índice de Gini, o índice de incidência de pobreza nacional, o índice de incidência de pobreza com \$1,90 por dia e o índice de incidência de pobreza com \$5,50 por dia.

Os dois modelos em estudo são:

**Modelo I:**

*Percentagem de Microcrédito Concebido<sub>i</sub>*

$$\begin{aligned} &= \alpha_0 + \alpha_1 * \text{Inflação}_i + \alpha_2 * \frac{\text{Investimento}_i}{\text{Produto Interno Bruto}_i} + \alpha_3 \\ &* \text{Produto Inteno Bruto per capita, PPP}_i + \alpha_4 \\ &* \text{Índice de Inovação}_{it} + \alpha_5 * \text{Gini}_i + \alpha_6 \\ &* \text{Índice de incidência de pobreza nacional}_i + \alpha_7 \\ &* \text{Índice de incidência de pobreza com \$1,90 por dia}_i + \alpha_8 \\ &* \text{Índice de incidência de pobreza com \$5,50 por dia}_i + \mu_i \end{aligned}$$

**Modelo II:**

*Percentagem de microempresas<sub>it</sub>* =

$$\begin{aligned} &= \beta_0 + \beta_1 * \text{Inflação}_i + \beta_2 * \frac{\text{Investimento}_i}{\text{Produto Interno Bruto}_i} + \beta_3 \\ &* \text{Produto Inteno Bruto per capita, PPP}_i + \beta_4 \\ &* \text{Índice de Inovação}_{it} + \beta_5 * \text{Gini}_i + \beta_6 \\ &* \text{Índice de incidência de pobreza nacional}_i + \beta_7 \\ &* \text{Índice de incidência de pobreza com \$1,90 por dia}_i + \beta_8 \\ &* \text{Índice de incidência de pobreza com \$5,50 por dia}_i + \mu_i \end{aligned}$$

#### 4.1.4. Definição das variáveis

Com o intuito de se poder compreender se o peso das microempresas e do microcrédito é maior em países de menores rendimentos per capita do que nos outros, foram usadas como variáveis dependentes, a Percentagem de Microempresas em relação ao total de empresas encontradas num país e o Peso do microcrédito no total de crédito concedido. As variáveis independentes que foram incluídas neste estudo, foram variáveis relacionadas com o desenvolvimento económico o desenvolvimento financeiro, e são elas, o PIB, a Inflação, o Investimento, o PIB per capita, a Inovação, exportação sobre o PIB, importação sobre o PIB, o Índice de Gini, o Índice de Incidência de Pobreza Nacional, o Índice de Incidência de Pobreza com \$1,90 por dia e o Índice de Incidência de Pobreza com \$5,50 por dia.

Com o intuito de se obter melhor conhecimento destas medidas, será feito a seguir uma breve descrição de cada uma das variáveis analisadas neste estudo.

##### ***Percentagem de Microempresas***

As microempresas detêm, na sua essência, especificidades constituintes duma identidade concreta e de um modo de funcionamento peculiar, que vão muito além do número de funcionários ou volume de negócios.

Este tipo de empresas tem como características a flexibilidade em adaptarem-se ao mercado, ao investimento, à tecnologia, à estrutura de recursos humanos e às relações de trabalho (Oliveira,2010).

A variável ***Percentagem de Microempresas*** representa a proporção das microempresas existentes sobre o total de empresas presentes num país.

##### ***Percentagem de Microcrédito Concedido***

O microcrédito consiste num suporte financeiro utilizado a nível mundial para distintos objetivos, que acaba por apresentar diversos formatos, dependendo da ocasião em que é usado.

Este tipo de crédito consiste em pequenos empréstimos que são direcionados a indivíduos rejeitados do sistema bancário tradicional, por estes não possuírem garantias reais, com vista a fundar um negócio e criar o seu próprio emprego (Economista, 2019).

A variável ***Percentagem de Microcrédito Concedido*** representa a proporção de microcrédito que é creditado, dentro do total de crédito proporcionado aos indivíduos.



### ***Índice de Inovação***

A Inovação é um investimento que dá abertura a novas ideias e desenvolvimentos, que usufrui das oportunidades que são oferecidas para melhorar a qualidade de vida, ajudando ao aparecimento de novas tecnologias e competências científicas.

A variável ***Índice de Inovação*** expressa o nível de inovação de cada país e mostra o desenvolvimento de cada país juntamente com o impulsionar das empresas sobre a inovação.

### ***Produto Interno Bruto***

O PIB é a soma do valor agregado bruto de todos os produtores residentes na economia, mais os impostos sobre o produto, menos os subsídios não incluídos no valor dos produtos.

É calculado sem deduções para depreciação de ativos fabricados ou para esgotamento e degradação de recursos naturais. Tem como objetivo, quantificar a atividade económica de uma determinada região ou país.

A variável ***Produto Interno Bruto*** permite verificar a atividade económica do país, podendo analisar o tipo de empresas presentes na região e, até que ponto pode haver um número influente de microempresas.

### ***Inflação***

A inflação torna-se existente quando se pode encontrar um aumento geral dos preços dos bens e serviços, e não, quando apenas os preços de artigos específicos sobem. Ou seja, quando a moeda vale menos do que anteriormente (BCE, 2019).

A inflação medida pelo índice de preços no consumidor, reflete a variação percentual anual no custo para o consumidor médio, de adquirir uma cesta de bens e serviços (The World Bank, 2018).

A variável ***Inflação*** proporciona uma análise sobre a influência negativa ou positiva da inflação na economia de um país, analisando a sua manipulação sobre a existência de microempresas dentro da região.

### ***Investimento/PIB***

O Investimento é a aplicação do capital com a expectativa de um benefício futuro maior.

## **Microempresas e Microcrédito: uma análise para os países de baixo e médios rendimentos.**

Dependendo do tipo de investidor e do plano, escolhido, um investimento financeiro pode ser feito com uma expectativa de rendimento de curto, médio ou longo prazo, sendo que os graus de risco de um investimento financeiro aumentam gradualmente conforme diminui o prazo em causa (Optimize, 2019).

A variável *Investimento/PIB* demonstra como o nível de investimento influencia o país, levando a uma variação do número presente de microempresas.

### ***Produto Interno Bruto per capita***

O PIB per capita baseado na paridade do poder de compra (PPP) é o produto interno bruto convertido em dólares internacionais, usando taxas de paridade do poder de compra.

O PIB a preços de mercado corresponde, á soma do valor agregado bruto de todos os produtores residentes na economia, acrescido dos impostos sobre o produto, deduzido dos subsídios não incluídos no valor dos produtos.

A variável *Produto Interno Bruto per capita* é utilizada como indicador, pois quanto mais rico for o país, mais os seus cidadãos serão beneficiados.

### ***Índice de Gini***

O índice de Gini mede até que ponto, a distribuição do rendimento (ou, em alguns casos, gasto de consumo) entre indivíduos ou famílias de uma economia, se desvia de uma distribuição perfeitamente igual.

O índice de Gini mede a área entre a curva de Lorenz e uma linha hipotética de igualdade absoluta. Assim, um índice de Gini de igual a zero, representa igualdade perfeita, enquanto um índice de cem, implica desigualdade perfeita (The World Bank, 2018).

A variável *Índice de Gini* proporciona a medida do grau de desigualdade na distribuição de rendimentos, para assim entendermos qual a situação económica dos indivíduos ou famílias.

### ***Proporção de População em Situação de Pobreza***

O Índice nacional de população com pobreza é a percentagem da população que vive abaixo das linhas nacionais de pobreza.

**Microempresas e Microcrédito:** uma análise para os países de baixo e médios rendimentos.

*Proporção de População com Pobreza de US \$ 1,90/US \$ 5,50 por dia (2011 PPP)*

Este índice indica a percentagem da população que vive com menos de US \$ 1,90/US \$ 5,50 por dia a preços internacionais de 2011.

#### 4.1.5. Estatísticas Descritivas

Após a descrição do modelo econométrico que será utilizado, é importante analisar as observações obtidas para as variáveis que constituem o modelo de regressão presente neste estudo no período da amostra, com o intuito de saber mais sobre a utilização do microcrédito em países com baixos e médios rendimentos, bem como, sobre o peso das microempresas nos países em estudo.

Na tabela abaixo estão expostas as estatísticas descritivas para todas as variáveis em estudo, como é o caso da média, do desvio padrão, do valor máximo e do valor mínimo.

Esta análise reverte para o período de 2010 e para 76 países, sendo estes pertencentes aos países de baixos e médios rendimentos. Em primeira ordem, realizando uma rápida análise a esta tabela, comprovamos uma disparidade entre o número de observações conseguidas para as variáveis em estudo, retiradas das diferentes fontes de dados, já que, como anteriormente dito, foram encontrados países que não possuem informação para as variáveis analisadas de microcrédito.

Nesta tabela ainda se pode observar, a partir desta análise de estatísticas descritivas, designadamente do valor mínimo e máximo, que a variável percentagem de microcrédito obteve um valor mínimo (73,6%) na Birmânia no ano de 2010. Contrariamente à Birmânia, está Guiana com um valor máximo (234,16%) em 2010, este país teve uma percentagem tão elevada devido a que a maioria do crédito concedido nesse país é o microcrédito.

No caso da variável percentagem de microempresas foi possível observar valores mínimos (7,83%) na Tailândia no ano de 2010 e por outro lado encontra-se a Bolívia com valor máximo (95,8%) no mesmo ano. Isto mostra que esta tem um número de microempresas mais elevado do que as empresas de outra dimensão.

Ainda podemos verificar que a variável índice de Gini obteve um valor mínimo (20,1) no Quirguistão nesse mesmo ano e, um valor máximo (63,4), na África do Sul.

**Tabela 7 - Estatísticas Descritivas**

Variáveis	Número de observações	Média	Desvio padrão	Mínimo	Máximo
PIB per capita, PPP(constante 2011 US dólares)	76	8,598	0,936	6,455	10,017
Inflação	76	1,513	0,771	-0,431	3,339
Investimento	76	3,126	0,249	2,465	3,809
Índice de Inovação	72	3,385	0,271	1,758	3,873
Índice de Gini	61	3,668	0,232	3,001	4,149
Índice de pobreza nacional	55	3,265	0,685	0,531	4,272
Índice de pobreza com menos de US\$ 1,90 ao dia	57	1,727	1,935	-2,303	4,363
Índice de pobreza com menos de US\$ 5,50 ao dia	59	3,616	0,985	0,642	4,581
Percentagem de Microcrédito	76	1,021	0,075	0,836	1,308
Percentagem de Microempresas	76	0,985	0,060	0,829	1,428

Nota: As variáveis estão logaritmizadas

#### 4.1.6. Verificação de adequação do uso dos MQO

Após ser realizada uma análise descritiva das variáveis, verificou-se que era relevante analisar de que forma estão relacionadas as variáveis que compõem o modelo, a partir da matriz de correlação de Pearson, destas variáveis.

Através dessa matriz de correlação, representada na Tabela 8, foi possível verificar níveis de correlação inferiores a 0.10, como é o caso das variáveis Inflação e PIB per capita.

**Tabela 8 - Matriz de correlações das variáveis**

	V1	V2	V3	V4	V5	V6	V7	V8	V9	V10
V1	1.00									
V2	0.045	1.00								
V3	0,147	-0,050	1.00							
V4	0,524	-0,030	0,165	1.00						
V5	-0,024	-0,109	-0,055	-0,122	1.00					
V6	-0,577	-0,065	-0,168	-0,425	0,267	1.00				
V7	-0,679	-0,072	0,018	-0,451	0,413	0,690	1.00			
V8	-0,697	0,091	0,011	-0,495	0,293	0,668	0,849	1.00		
V9	0,073	0,017	-0,196	0,053	0,141	0,150	-0,040	0,030	1.00	
V10	-0,030	-0,079	-0,102	-0,063	0,031	0,102	0,038	-0,046	0,129	1.00

Legenda: V1 – PIB per capita; V2 – Inflação; V3 – Investimento; V4 – Índice de Inovação; V5 – Índice de Gini; V6 – Proporção de trabalhadores em situação de pobreza a nível nacional; V7 – Proporção de trabalhadores com US \$ 1,90 por dia; V8 – Proporção de trabalhadores com US \$ 5,50 por dia; V9 – Percentagem de Microcrédito; V10 – Percentagem de Microempresas

Foi também necessário verificar potenciais problemas de multicolinearidade e heterocedasticidade efetuadas pelo Fator de Inflação da Variância (FIV), no caso da multicolinearidade, e pelo teste de Breusch-Pagan, no caso da heterocedasticidade.

O Fator de Inflação é uma medida de grau em que cada variável independente é explicada pelas demais variáveis independentes. Quanto maior for o valor do FIV, o problema de multicolinearidade será mais crítico. Conforme Franke (2010), se o FIV ultrapassar o valor de 10, pode enunciar que estamos perante um problema prejudicialmente potencial de multicolinearidade.

**Microempresas e Microcrédito:** uma análise para os países de baixo e médios rendimentos.

O teste de Breusch-Pagan testa se as variáveis dos erros são constantes para observações diferentes, ou seja, considera a homocedasticidade como hipótese nula.

No caso de se rejeitar a hipótese de ausência de homocedasticidade, está-se perante um problema de heterocedasticidade. A presença de heterocedasticidade no modelo implica que os erros padrões dos estimadores obtidos através do Método dos MQO (Mínimos Quadrados Ordinários) não permitem a inferência estatística, não se poderá considerar os estimadores dos MQO como os melhores estimadores de mínima variância para os coeficientes.

Observando a Tabela 9, referente ao modelo I, e a Tabela 10, correspondente ao Modelo II, percebe-se que ambos os modelos não possuem problemas de multicolinearidade e de heterocedasticidade.

#### **4.1.7. Resultados**

Os resultados da estimação dos modelos, apresentam-se nas Tabelas 9 e 10.

**Tabela 9 – Resultados da estimação do Modelo I (MQO)**

Porcentagem de Microcrédito	<b>Modelo 1 – I<sup>1</sup></b>	FIV	Modelo 1- II	FIV	Modelo1- III	FIV	Modelo 1- IV	FIV
Constante	1,137 (0,13)		1,147 (0,135)		1,112 (0,141)		1,11 (0,142)	
PIB per capita, PPP (constante 2011 US dólares)	0,07*** (0,01)	1,07	0,07*** (0,01)	1,07	0,072*** (0,012)	1,66	0,072*** (0,012)	1,70
Inflação	0,029*** (0,011)	1,01	0,01 (0,011)	1,02	0,023** (0,011)	1,03	0,022** (0,012)	1,04
Investimento	-0,069** (0,033)	1,09	-0,071** (0,031)	1,12	-0,074*** (0,031)	1,14	-0,076*** (0,032)	1,15
Índice de Inovação	0,09*** (0,011)	1,07	0,08*** (0,011)	1,11	0,08*** (0,011)	1,11	0,08*** (0,011)	1,12
Índice de Gini	0,04 (0,06)	1,1	0,05 (0,07)	1,25	0,02 (0,07)	1,47	-0,01 (0,011)	3,40
Índice de pobreza nacional			-0,02 (0,06)	1,17	-0,04 (0,06)	1,32	-0,04 (0,06)	1,35
Trabalhador com US \$ 1,90/dia					0,06 (0,07)	2,06	0,05 (0,07)	2,45
Trabalhador com US \$ 5,50/dia							0,04*** (0,011)	4,46
Número de Observações	76		76		76		76	
R2	0,54		0,57		0,67		0,69	
R2 ajustado	0,52		0,53		0,64		0,63	
Mean FIV	1,067		1,123		1,398		2,084	
Breusch-Pagan	P-valor= 0,018		P-valor= 0,033		P-valor= 0,049		P-valor= 0,036	

Notas: Nível de Significância: 10%, \*, 5%, \*\*, 1%, \*\*\*. Erros estimados entre parêntesis.

Tabela 10 – Resultados da estimação do Modelo II (MQO)

Porcentagem de Microempresas	<b>Modelo 2</b> – I <sup>2</sup>	FIV	Modelo 2-II	FIV	Modelo 2-III	FIV	Modelo 2-IV	FIV
Constante	1,09 (0,106)		1,097 (0,11)		1,09 (0,116)		1,092 (0,116)	
PIB per capita, PPP (constante 2011 US dólares)	-0,041 (0,08)	1,07	-0,044 (0,08)	1,07	0,01 (0,01)	1,65	-0,018* (0,01)	1,7
Inflação	-0,06 (0,09)	1,01	-0,06 (0,09)	1,02	-0,06 (0,09)	1,03	-0,06 (0,09)	1,04
Investimento	-0,031*** (0,01)	1,1	-0,033*** (0,015)	1,12	-0,033*** (0,015)	1,14	-0,032*** (0,012)	1,15
Índice de Inovação	-0,02 (0,09)	1,07	-0,03 (0,09)	1,11	-0,03 (0,09)	1,11	-0,03 (0,09)	1,12
Índice de Gini	0,04 (0,05)	1,1	0,05 (0,05)	1,25	0,04 (0,06)	1,47	0,08 (0,09)	3,4
Índice de pobreza nacional			-0,01 (0,05)	1,17	-0,02 (0,05)	1,32	-0,01 (0,05)	1,35
Trabalhador com US \$ 1,90/dia					0,01 (0,06)	2,06	0,02 (0,06)	2,45
Trabalhador com US \$ 5,50/dia							-0,05 (0,09)	4,48
Número de Observações	76		76		76		76	
R2	0,18		0,19		0,19		0,24	
R2 ajustado	-0,042		-0,056		-0,071		-0,082	
Mean FIV	1,067		1,123		1,398		2,084	
Koenker	P-valor= 0,045		P-valor= 0,033		P-valor= 0,028		P-valor= 0,047	

Notas: Nível de Significância: 10%, \*, 5%, \*\*, 1%, . Erros estimados entre parêntesis.



## 4.2 Discussão dos Resultados

### 4.2.1 Análise do modelo econométrico com a utilização da variável dependente Percentagem de Microcrédito.

Na Tabela 9 apresentam-se os resultados obtidos a partir da aplicação do MQO, para a variável dependente Percentagem de Microcrédito existente num país.

As 4 versões do Modelo I apresentam significância global e os R<sup>2</sup> são aceitáveis (nomeadamente, o ajustado) permitem perceber que as variáveis explicativas determinam uma proporção substancial da variação da variável dependente.

Dada a coincidência de sinal e proximidade de magnitude dos coeficientes estimados em todas as versões, comenta-se a versão mais completa do Modelo I, nomeadamente, a IV, com um R<sup>2</sup> de 0,69.

Conclui-se, dos modelos estimados, que as variáveis que causam efeito significativo na Proporção do Microcrédito são o PIB per capita, a Inflação, o Investimento, o Índice de Inovação e o Trabalhador com US \$ 5,50/dia. As variáveis PIB per capita, Índice de Inovação e Trabalhador com US \$ 5,50/dia (versão IV), manifestaram-se, sempre, de elevada significância individual, não se rejeitando a hipótese nula, mesmo quando se afunila o nível de significância para 1%. A Inflação passa no teste para um nível de significância de 1% na versão I e de 5%, nas versões III e IV. Na versão II não tem significância. Já o Investimento manifesta-se, sempre, significativo; a 5% nas versões I e II e 1% nas versões III e IV.

Vejamos o que nos dizem os resultados.

No que respeita ao PIB per capita, verifica-se que o aumento de 1% nesta variável relaciona-se com um aumento de 0,072% na Proporção do Microcrédito, ou seja, a elevação dos níveis de bem-estar das populações mais carenciadas promove um círculo virtuoso, pois leva, também, a um aumento da Proporção do Microcrédito concedido. Nos restantes modelos, as estimativas situam-se nos 0,07% (versões I e II) e em 0,072% (versão III).

A explicação para um aumento de 0,022% Percentagem de Microcrédito com o aumento de 1% da inflação não é muito líquida, na medida em que a inflação leva a um maior empobrecimento das populações, corrói os rendimentos e implica taxas de juro nominais mais elevadas. Contudo, para níveis aceitáveis de inflação, o aumento da inflação pode indiciar uma atividade económica pujante, movida pela procura, o que proporciona a oportunidade para os negócios. Neste caso, torna-se perfeitamente clara a possibilidade de impacto positivo da inflação

## **Microempresas e Microcrédito: uma análise para os países de baixo e médios rendimentos.**

na concessão de Microcrédito. Nos restantes modelos, as estimativas situam-se nos 0,029% (versão I), 0,01% (versão II) e 0,023% (versão III).

Os negócios surgem pela reprodução de negócios tradicionais e pelo surgimento de novos negócios. É a partir desta premissa que se justifica o impacto positivo, muito significativo, do Índices de Inovação na Percentagem de Microcrédito. No contexto, 1% de aumento do Índice de Inovação leva ao aumento em 0,08% da Percentagem de Microcrédito. Nos restantes modelos, as estimativas situam-se nos 0,09% (versão I) e 0,08% (versões II e III).

Ainda com impacto positivo na Percentagem de Microcrédito temos a variável Trabalhador com US \$ 5,50/dia, o que ilustra o pendor do Microcrédito no alívio da pobreza. Quando a percentagem da população que vive com menos de US \$ 5,50 por dia aumenta 1%, a percentagem de microcrédito concedido aumenta em 0,04%.

A única variável que tem um impacto negativo na Percentagem de Microcrédito concedido, é o Investimento. Um aumento de 1% no Investimento leva a uma redução de 0,076% na Percentagem de Microcrédito, o que se entende, na medida em que o Microcrédito não constitui o verdadeiro motor de crescimento desta componente da despesa agregada; portanto, é natural que a maior parte dos fluxos de investimento tenham origem em modalidades distintas do microcrédito (não nos esqueçamos que os montantes associados ao microcrédito são baixos). Concorre, também, para este resultado, a eventual informalidade dos negócios gerados ao abrigo desta modalidade, designadamente, por questões de debilidades ao nível da organização económica e dos sistemas de informação dos países em causa.

### **4.2.2. Análise do modelo econométrico com a utilização da variável dependente Percentagem de Microempresas**

Os resultados da estimação do Modelo II pelos MQO apresentam-se na Tabela 10.

A estratégia de estimação dos Modelos I e II consistiu na seleção de um vetor de variáveis que fosse comum, tendo-se, apenas, alterado a variável dependente. A ideia subjacente consistiu na premissa de que o microcrédito estimularia o surgimento de microempresas, portanto, ambos os fenómenos seriam explicados por fatores comuns. A suspeita de que, quantitativamente, não seria assim, surge quando se percebe que a correlação de Pearson entre as duas variáveis dependentes é muito fraca, a saber, 0,129 (Tabela 8). De facto, ao contrário do verificado no Modelo I para a generalidade, a qualidade do ajustamento é muito baixa (pelo R<sup>2</sup> e R<sup>2</sup> ajustado) e o teste F de significância global, não rejeita a hipótese de ausência de significância da relação.

## **Microempresas e Microcrédito:** uma análise para os países de baixo e médios rendimentos.

Avançam-se, para este desencontro entre as duas variáveis dependentes, as possibilidades de falta de qualidades dos dados; especialmente, no que respeita às microempresas, dada a falta de recursos disponibilizados aos sistemas estatísticos dos países (especialmente) de baixos rendimentos e não ser tão direta a conversão do microcrédito em negócios instituídos no setor formal das economias.

A única variável com (muita) significância nas diversas versões do Modelo II, consiste no Investimento. No contexto, verificou-se uma relação inversa entre Investimento e Percentagem de Microempresas. Em todas as versões, um aumento de 1% no Investimento leva a uma redução de 3% na percentagem de empresas, o que se associa à relação negativa que se estabelece entre os a pobreza nos países e a atração de investimento e ao facto do microcrédito não ser, necessariamente, transferido de imediato, para a economia formal.

## 5. Conclusão

O Microcrédito, assim como o conhecemos, surgiu no Bangladesh por iniciativa de Muhammad Yunus, durante a década de 1970, com o intuito de dar apoio e suporte financeiro à população classificada como mais desfavorecida e vulnerável da sociedade, excluída do sistema bancário convencional.

Visto que o microcrédito é conhecido como uma poderosa força no combate à pobreza, é possível observar que, nas economias em desenvolvimento, o microcrédito tem maior eficácia no seu combate à pobreza, já que é nestas economias que se encontra a população mais desfavorecida.

A partir da criação do microcrédito, as instituições bancárias, têm-se multiplicado e expandido por várias regiões, nomeadamente, as regiões onde se encontram os países de baixos e médios rendimentos. Pode-se assim verificar que, a população alvo onde o microcrédito tem maior impacto no seu desenvolvimento é as famílias em situações extremas de pobreza, que não têm acesso aos serviços de saúde e ensino e ainda, são excluídas do crédito tradicional.

Segundo Franco (2011), apesar da expansão e sucesso alcançados, muitas referências literárias afirmam que o microcrédito não produz os resultados inicialmente esperados, continuando a pobreza a afetar, com grande intensidade, as populações das diversas regiões do mundo. Este tipo de financiamento pode ser percebido como uma mudança na estrutura do desenvolvimento económico das regiões onde se encontram a população mais desfavorecida. As instituições de microcrédito, criaram oportunidades de crédito para muitas pessoas com níveis de pobreza elevados, antes excluídas dos mercados financeiros tradicionais.

A questão central que se pretendia ver respondida com este trabalho constitui na averiguação dos fatores importantes que nos ajudassem a justificar o peso do microcrédito e o peso das microempresas nas economias dos países de baixos e médios rendimentos

Com este trabalho foi possível observar a relação positiva entre a Percentagem de Microcrédito e as variáveis PIB per capita, Inflação, Investimento, Índice de Inovação e o Trabalhador com US \$ 5,50/dia. Constatou-se a existência de uma relação negativa entre a Percentagem de Microcrédito e o Investimento. Esta relação negativa, entre a percentagem de microcrédito e o investimento, traduz-se na existência de uma grande percentagem de microcrédito em países de baixos e médios rendimentos, onde existe um baixo nível de Investimento caracterizado, devido muito, às reduzidas capacidades económicas dos indivíduos e a falta de formalização dos aderentes do microcrédito. Aqui encontram-se pessoas com

## **Microempresas e Microcrédito: uma análise para os países de baixo e médios rendimentos.**

rendimentos muito reduzidos, em muito destes países ainda existem pessoas que têm um rendimento inferior a dois dólares por dia. Também, dados os montantes envolvidos em cada empréstimo de microcrédito, é natural que com o crescimento das economias, a proporção do Investimento decorrente de outras fontes (nomeadamente, as tradicionais), cresça mais rápido que o microcrédito; o qual cumpre uma função não, meramente, económica e financeira, mas, também, social.

Este estudo permite ver que, existe uma relação negativa entre Investimento e Percentagem de Microempresas, o que nos diz do tecido empresarial destas economias e dos baixos índices de formalização dos recetores do microcrédito, por questões que também se relacionam com um débil sistema de informação nos países mais pobres.

O PNUD em 2018, publicou uma notícia em que diz que, no total, existem cerca de 1,3 mil milhões de pessoas que vivem em situação de pobreza, sendo que deste 1,3 mil milhões 46% vivem em pobreza extrema. Achim Steiner, administrador da PNUD, diz que ainda há muito a ser feito no que diz respeito à redução de pobreza, mas a evolução é positiva (ONU News, 2018). A relevância de se progredir para uma mudança económica e social é fundamental para o crescimento e melhoria das condições de vida de uma região, e o crescimento de microempresas e a melhor capacidade de conceção de microcrédito possibilita o melhoramento da economia nestes países com tão baixos rendimentos.

No âmbito social, os programas de microcrédito, vieram trazer às mulheres uma oportunidade de serem empreendedoras e reconhecidas como tal perante a sociedade. A estimativa do modelo com as novas variáveis dependentes, permitiu averiguar que as atividades de microcrédito abriram as portas ao empoderamento da mulher, através do financiamento bancário, o que levou ao aparecimento de implicações económicas e sociais positivas, relativamente ao poder da mulher na sociedade. A preocupação de melhorar as suas condições económicas, concedendo-lhes crédito, está interligada com o maior sentido de responsabilidade que estas têm ao aplicar o empréstimo em prol da família, não apenas em benefício próprio e, está relacionado com o facto de se acreditar que, as mulheres são mais avessas ao risco, apresentado por isso, as melhores taxas de cumprimento de microcrédito (Veiga, 2012).

## **6. Limitações e sugestões para investigações futuras**

O microcrédito consiste numa problemática importante no âmbito do desenvolvimento económico, no combate a pobreza e à desigualdade social. Tem merecido a preocupação de alguns investidores que tentam perceber de que forma o microcrédito atua nestes setores.

A base de dados construída para este estudo teve diferentes fontes de informação, tendo se sentido dificuldades na elaboração deste trabalho. Uma dessas dificuldades sentidas foi a junção, harmonização e normalização, de toda a informação para a construção da base de dados.

O trabalho também foi dificultado devido à falta de observações para algumas variáveis em estudo.

Outra limitação encontrada no desenvolvimento do presente trabalho, prende-se com a escassa literatura sobre o microcrédito e sobre as microempresas nos países de baixos e médios rendimentos.

Uma realidade presente é a falta de estudos e de uma investigação rigorosa sobre o alcance, o impacto e o custo-efetividade dos programas de microcrédito. Mas ainda foi encontrada outra limitação à recolha de informação, um dos portais com mais informação sobre o microcrédito (Mix Market), como por exemplo dados monetários deste, foi restrito, no ano 2019, ao público.

As atividades de microcrédito centram-se no crescimento económico através da redução da pobreza, aumentando o nível de produção das empresas mais pequenas e da produção feita por cada pessoa. Com isto, em investigações futuras seria interessante, analisar de que forma a utilização do microcrédito pode ser utilizado como política de desenvolvimento económico de uma região, bem como, a diminuição da desigualdade social entre as pessoas, bem como, do desenvolvimento económico das empresas de menor dimensão.

Seria também interessante considerar a utilização de variáveis dinâmicas, ou seja, variáveis com os períodos desfasados, com o intuito de se verificar se existiriam melhores relações entres as variáveis.

Por fim, outro ponto importante é o número de anos em análise, deverá ser feita uma análise com um intervalo de tempo e, não somente um ano, como é o caso do presente estudo.

**Microempresas e Microcrédito:** uma análise para os países de baixo e médios rendimentos.

## 7. Bibliografia

Adams, D. W.; Von Pischke, J. D. (1991). Microenterprise Credit Programs: Deja Vu. Disponível em:

[https://kb.osu.edu/bitstream/handle/1811/66329/CFAES\\_ESO\\_1828.pdf?sequence=1&isAllo wed=y](https://kb.osu.edu/bitstream/handle/1811/66329/CFAES_ESO_1828.pdf?sequence=1&isAllo wed=y)

Ahsan, A. H. M. K. (2005). Role of NGOs health, family planning and education program in poverty reduction in Bangladesh: A study on BRAC. *Pakistan Journal of Social Science*, 3(8), 1075-1081.

ANDC. (s.d). MicroInvest. Disponível em:

<http://www.microcredito.com.pt/noticias/noticia.aspx?id=7>

Barr, M. S.; Kumar, A.; Litan, R. E. (2007), como referido em Pereira da Siva, C. I. (2014). Building inclusive financial systems: a framework for financial access. Washington, D.C.: Brookings Institution Press.

BRAC. (2019). Microfinance. Disponível em:

<http://www.brac.net/program/microfinance/>

BRAC. (2019). Quem somos. Disponível em:

<http://www.brac.net/who-we-are>

Bresser-Pereira, L. C. (2008). Crescimento e Desenvolvimento económico. Disponível em: <http://www.bresserpereira.org.br/Papers/2007/07.22.CrescimentoDesenvolvimento.Junho19.2008.pdf>

Brito Mata de Oliveira, M. R. (2010). O projeto de internacionalização de uma microempresa portuguesa: o caso *tagus pharma*. (Projeto de Mestrado em Gestão). Instituto Universitário de Lisboa, Portugal.

Dowbor, L. (2003). Inovação social e sustentabilidade. Disponível em:

<http://www.scielo.mec.pt/pdf/egg/v12n2/v12n2a02.pdf>

Easterly, W.; Fisher, S. (2001), como referido em Correia, I. H. (2009). Inflation and the Poor. *Journal of Money, Credit and Banking*, 1, 159-178.

Ekonomista. (2019). O que é o microcrédito e como conseguir ter acesso. Disponível em:

<https://www.e-konomista.pt/artigo/o-que-e-o-microcredito/>

Ferreira, M.; Santos, J.; Serra, F. (2010). Ser Empreendedor: Pensar, criar e moldar a nova empresa. São Paulo: Saraiva.

Franco, N. (2011). Does Microfinance Reduce Poverty? A Study of Latin America. Disponível em:

<https://pdfs.semanticscholar.org/b7fa/c42d3bd5a500dac2708cfb416691fe9e444a.pdf>

Franke, R. (2010). Multicolineariedade. Wiley, enciclopédia internacional de marketing. Disponível em:

**Microempresas e Microcrédito:** uma análise para os países de baixo e médios rendimentos.

<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/9781444316568.wiem02066>

Gallo, E., (2012). Saúde e economia verde: desafios para o desenvolvimento sustentável e erradicação da pobreza. *Ciência & Saúde Coletiva*, 17(6): 1457-1468. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/csc/2012.v17n6/1457-1468/pt>

Banco Grameen. (2011, January 11). Grameen bank historical data series 1976-2009. Disponível em: [http://www.grameeninfo.org/index.php?option=com\\_content&task=view&id=177&Itemid=144](http://www.grameeninfo.org/index.php?option=com_content&task=view&id=177&Itemid=144)

Gutiérrez-Nieto, B. (2008), como referido em Pereira da Siva, C. I. (2014). Coste del Microcrédito versus coste del desempleo. *Revista de Economía Mundial*. Vol. 19. pp. 63-82.

Hulme, D.; Mosley, P. (1996). *Finance against poverty*. London: Routledge.

Islam, M. T. (1996). Microcredit: BRAC's approach is holistic, *Weekend Independent, The Daily Independent*. 6th September, Bangladesh

Tarozzi. (2013). Assessing the Impact of Microcredit in Ethiopia. Disponível em: <https://www.povertyactionlab.org/evaluation/assessing-impact-microcredit-ethiopia>

Kassai, S. (1997). *As Empresas de Pequeno Porte e a Contabilidade*. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cest/n15/n15a04.pdf>

Koenker, R. (1981). A note on studentizing a test for heteroscedasticity. *Journal of Econometrics*, Amsterdam, v. 17, n. 1, p. 107-112, Sept.

Lima, S. (2009). Microcrédito como política de geração de emprego e renda. Disponível em: <https://www.abscm.com.br/uploads/publicacoes/Microcredito%20como%20pol%C3%ADtica%20de%20geracao%20de%20emprego%20e%20renda.pdf>

Mendoza, R.; Thelen, N. (2008). Innovations to make markets more inclusive for the poor. *Development Policy Review*. Vol. 26, No 4. pp. 427-458.

MicroStart. (2019). Microcredit. Disponível em: <https://microstart.be/en/microcredit>

Midgley, J. (s.d). *Microenterprise, global poverty and social Development*. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0020872808090240>

Mitra, S. (2007). *Macro Impact of Microcredit* (Dissertation submitted). Claremont, California.



**Microempresas e Microcrédito:** uma análise para os países de baixo e médios rendimentos.

Mungaray Lagarda, A.; Ramírez Urquidy, M. (2007). Capital Humano y Productividad em Microempresas. Disponível em:

<http://www.scielo.org.mx/pdf/ineco/v66n260/0185-1667-ineco-66-260-00081.pdf>

Neto, R. (2018). Corrupção, fraca capacidade de inovação e pobreza: Chade é o país menos competitivo do mundo. Disponível em:

<https://eco.sapo.pt/2018/12/11/corruptao-fraca-capacidade-de-inovacao-e-pobreza-chade-e-o-pais-menos-competitivo-do-mundo/>

ONU Brasil. (2016, julho 27). Investir nos países menos desenvolvidos produz resultados [ficheiro em vídeo]. Disponível em:

[https://www.youtube.com/watch?v=l\\_-5ENv2eAY](https://www.youtube.com/watch?v=l_-5ENv2eAY)

ONU News. (2018). Agência da ONU diz que países mais pobres devem fomentar negócios dinâmicos. Disponível em:

<https://news.un.org/pt/story/2018/11/1648331>

ONU News. (2018). Pnud: Metade das pessoas que vivem na pobreza tem menos de 18 anos. Disponível em:

<https://news.un.org/pt/story/2018/09/1639042>

ONU News. (2019). Estudo da OIT diz que microempresas se tornam maiores geradoras de emprego. Disponível em:

<https://news.un.org/pt/story/2019/10/1690581>

Página do Microcrédito (2018). O que é microcrédito – Que és microcredito? Disponível em:

<https://microcredito.wordpress.com/o-que-e-microcredito/>

Anónimo (2018). Origem do microcrédito. Página do Microcrédito. Disponível em:

<https://microcredito.wordpress.com/origem-do-microcredito/>

Rodrigues Pereira, S. M. (2016). Microcrédito e o Desenvolvimento Económico na região da África Subsariana – O caso da desigualdade de género. (Dissertação de mestrado). Universidade do Minho, Portugal.

Soares, I.; Moreira, J.; Pinho, C.; Couto, J. (2007). Decisões de Investimento: Análise financeira de projetos. Lisboa: Edições Sílabo.

Tarozzi. (2015). The Impacts of Microcredit: Evidence from Ethiopia. American Economic Journal: Applied Economics 2015, 7(1): 54–89

The World Bank. (2018). World Bank Open Data. Disponível em:

<https://data.worldbank.org/>

UN News. (2017, setembro 22). UN officials hail establishment of Technology Bank for world's poorest Nations. Disponível em:

<https://news.un.org/en/story/2017/09/566522-un-officials-hail-establishment-technology-bank-worlds-poorest-nations>

**Microempresas e Microcrédito:** uma análise para os países de baixo e médios rendimentos.

Veiga, R. (2012). O porquê e para quê do microcrédito. O caso do Projeto de Capital de Risco Social em S. Tomé e Príncipe. Dissertação de mestrado, Universidade Católica de Risco Social em Portugal: Porto.

Word Press. (2019). Grameen Bank – Bank For The Poor. Disponível em:  
<https://www.grameen-info.org/about-us/>

Banco Mundial. (2018). Quase Metade do Mundo Vive com Menos de USD \$5.50 por Dia. Disponível em:  
<https://www.worldbank.org/pt/news/press-release/2018/10/17/nearly-half-the-world-lives-on-less-than-550-a-day-brazilian-portuguese>

Yunus, M. (2001). O Banqueiro dos pobres. (4º ed). São Paulo: Editora Ática

Zeller; Manfred; Meyer L. Richard (eds.) (2002). The Triangle of Microfinance- Financial Sustainability, Outreach and Impact. IFPRI: Washington, D.C. USA and The Johns Hopkins University Press: Maryland.

## 8. Anexos

Tabela A 1 - Empréstimos de todas as Instituições de Microcrédito (% PIB) entre 2015 e 2018

	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
Angola					0,05	0,07	0,06	0,03	0,02	
Benim	2,2	2,28	2,42	2,37	2,22	2,32				
Bolívia		12,29	13,17	14,84	15,69	16,81	19,76	20,47	18,83	19,48
Burkina Faso	1,78	1,79	1,61	1,42	1,77	1,99	2,1	2,07	2,17	2,26
Camboja			4,98	6,24	8,58	12,19	16,52	15,58	19,19	21,91
Camarões							1,09	1,15	1,37	0,98
Gana					0,14	0,31	0,31	0,25	0,22	0,15
Madagáscar	0,49	0,54	0,66	0,7	0,79	0,86	0,82	0,76	0,89	0,67
México	0,61	0,8	0,73	0,66	0,42	0,43	0,34	1,71	1,71	1,41
Myanmar				0,03	0,05	0,07	0,25	0,35	0,52	0,78
Paquistão	0,16	0,17	0,16	0,19	0,23	0,27	0,34	0,48	0,57	0,82
Peru	3,72	3,99	4,14	4,4	4,6	4,69	4,73	4,98	5,34	5,46
Ruanda	0,53	0,62	0,41	0,41	0,41	0,46	0,57	0,69	0,57	0,62
Sudão							107,1	111,75	90,88	104,22
Zâmbia	0,54	0,43	0,56	0,77	1,08	1,33	1,59	1,31	1,63	1,95

Tabela A 2 - Número de Microempresas em 2017

	2017
Angola	19371
Benim	6446
Bolívia	216064
Burkina Faso	55166
Camboja	363638
Camarões	70477
Gana	67739
Madagáscar	203581
México	3815422
Myanmar	110754
Nepal	208558
Paquistão	3169952
Peru	1607305
Ruanda	114329
Sudão	8554
Zâmbia	17123